



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

PAULA DAYANA SILVA ALVES

A GEOGRAFIA ENSINADA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: relações remotas no ensino fundamental do Educandário Pedro Cardoso - Belém/PB

**GUARABIRA/PB
2021**

PAULA DAYANA SILVA ALVES

A GEOGRAFIA ENSINADA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: relações remotas no ensino fundamental do Educandário Pedro Cardoso - Belém/PB

Trabalho apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Metodologias do ensino de geografia (ensino fundamental e médio)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

**GUARABIRA/PB
2021**

E expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474g Alves, Paula Dayana Silva.
A geografia ensinada durante a pandemia de Covid-19 [manuscrito] : relações remotas no ensino fundamental do Educandário Pedro Cardoso - Belém/PB / Paula Dayana Silva Alves. - 2021.
62 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva, Departamento de Geografia - CH."
1. Ensino de Geografia. 2. ensino remoto. 3. COVID-19.
Título

21. ed. CDD 910

PAULA DAYANA SILVA ALVES

**A GEOGRAFIA ENSINADA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
relações remotas no ensino fundamental do Educandário Pedro
Cardoso - Belém/PB**

Trabalho apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Metodologias do ensino de geografia (ensino fundamental e médio)

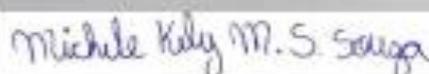
Aprovada em: 28/05/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
Lanusse Salim Rocha Tuma

Prof. Dr. Lanusse Salim Rocha Tuma
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Michele Kely Moraes Santos Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, amor, carinho e por sempre terem acreditado em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo aos meus pais Silva e Manassés, por serem os melhores pais que um ser humano pode ter, pois desde o meu nascimento dedicaram a vida aos filhos. Ajudaram-me e me orientaram para a vida e sempre acreditaram que eu conseguiria. Aos meus avós, Julita e João, por colaborarem junto com meus pais com a minha criação e por todo amor dedicado a mim. A minha bisavó, Maria, que está sempre orando por mim onde estiver e que sempre me amou.

Ao meu irmão, Nildo Borges, pelo carinho e atenção comigo, sempre com palavras de incentivo que me ajudaram muito. À minha irmã, Paula Daniela, por ser tão especial e essencial na minha vida em todos os momentos, por me ajudar nos problemas pessoais e acadêmicos.

Agradeço ao meu esposo, Elson Andrade, pela calma, paciência e amor que vem dedicando a mim todos esses anos. Sem você minha vida não faria sentido e eu, com certeza, não estaria aqui. Te amo.

Aos meus sogros, Terezinha e Aristides, que me amaram e me aceitaram como eu sou. Amo vocês.

Aos meus amigos, Michele, Danny, Samyra, Leocardio, Victor, Giovanna, Tiago e Magno por todo amor compartilhado e apoio nas minhas dores e angustias amo vocês.

Yury, lhe agradeço pelos inúmeros favores, por ser tão presente na minha vida e especificamente por todos os livros que pegou emprestado na biblioteca para mim.

Sou grata a você, Nicinho, por trazer a música para mais perto de mim, me motivou e me ajudou muito.

Aos meus cunhados, Ezequias, Pedro e Karol, por fazerem parte da minha vida de um jeito tão bom e tão leve.

Agradeço aos meus professores desde o ensino fundamental ao curso superior por se dedicarem com afinco à educação e por compartilhar todos os dias seus conhecimentos para um ensino-aprendizagem tão significativo.

Aos meus professores, Lanusse e Michele, que fizeram parte da banca examinadora desse trabalho, sou grata pelo carinho e atenção comigo e com esse trabalho.

Ao meu professor e orientador que esteve comigo desde o início, que me ensinou, me orientou e sempre teve uma paciência incrível. Que me incentivou nas leituras, que acreditou no meu potencial, buscou me mostrar os erros e acertos na parte acadêmica e também na vida. Sempre teve uma palavra amiga e de conforto. Agradeço-lhe por tudo, professor Luiz Arthur.

Aos colegas de curso que convivi tão intensamente durante todos esses anos da minha jornada acadêmica, que se tornaram amigos tão especiais, Fernanda, Kelly, Ana Claudia, Anderson, Andrey, Clarice, Erica, Edson, Adson, Felícia e todos os outros e outras que me incentivaram e me inspiraram nos estudos e na vida.

Agradeço a música, que foi um conforto para os dias difíceis e sombrios que tive e que ainda tenho. Agradeço aos livros que também me confortaram e foram como terapia para as minhas crises.

E, por fim, agradeço a instituição de ensino e a todos os funcionários que colaboram para o seu funcionamento e nos proporcionam esse ambiente dedicado a busca pelo conhecimento.

043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: A GEOGRAFIA ENSINADA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: relações remotas no ensino fundamental do Educandário Pedro Cardoso.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino de Geografia

(AUTORA): Paula Dayana Silva Alves.

(ORIENTADOR): Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

(EXAMINADOR): Prof. Dr. Lanusse Salim Rocha Tuma.

(EXAMINADORA): Prof. Ma. Michele Kely Moraes Santos Souza.

RESUMO

A referente pesquisa tem como objetivo discorrer sobre a educação compreendendo seus mais variados conceitos, indo em direção à educação geográfica e seu processo de desenvolvimento até o seu cerne. Dedicamo-nos ao estudo bibliográfico da formação docente de Geografia e ao ensino de Geografia, buscando entender a educação no período da pandemia do COVID-19 nesse novo modelo: o ensino remoto emergencial, que surge em decorrência ao fechamento das escolas e a necessidade de se continuar o ensino-aprendizagem. Nossa pesquisa foi realizada no município de Belém/PB, no Educandário Pedro Cardoso. A referida cidade localiza-se na Mesorregião Agreste Paraibano, distando a 83,1169 Km da capital João Pessoa. Analisamos o Educandário Pedro Cardoso procurando caminhos para o ensino-aprendizagem de Geografia no meio remoto, tendo como experiência a turma do 8º ano através de trabalhos e questionários em que estabelecemos um entendimento sobre como foram essas vivências para os mesmos e com os docentes a fim de entender suas dificuldades e opiniões sobre esse ensino. Foi observado nesse espaço como os alunos recebem e produzem o conhecimento geográfico, bem como a dinâmica do ensino remoto e as demandas dos nossos alunos, professores e gestores desse modelo de ensino.

Palavras chaves: Ensino de Geografia; ensino remoto; COVID-19.

043 - FULL LICENSING IN GEOGRAPHY

TITLE: GEOGRAPHY TAUGHT DURING THE COVID-19 PANDEMIC: Remote Relationships in the Elementary School of Educandário Pedro Cardoso.

RESEARCH LINE: Geography Teaching Methodologies.

(AUTHOR): Paula Dayana Silva Alves.

(ORIENTER): Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

(EXAMINER): Prof. Dr. Lanusse Salim Rocha Tuma.

(EXAMINER): Prof. Ma. Michele Kely Moraes Santos Souza.

ABSTRACT

The purpose of this research is to discuss education, understanding its most varied concepts, moving towards geographic education and its development process to its core. understand education in the COVID-19 pandemic period in this new model: emergency remote education, which arises as a result of the closure of schools and the need to continue teaching and learning. Our research was carried out in the municipality of Belém / PB, at Educandário Pedro Cardoso. The referred city is located in the Mesoregion Agreste Paraibano, 83.1169 km from the capital João Pessoa. We analyzed Educandário Pedro Cardoso looking for ways for teaching-learning of Geography in the remote environment, having the 8th grade class experience through works and questionnaires in which we established an understanding of how these experiences were for them and with the teachers in order to understand their difficulties and opinions about this teaching. It was observed in this space how students receive and produce geographic knowledge, as well as the dynamics of remote teaching and the demands of our students, teachers and managers of this teaching model.

Key words: Geography teaching; remote teaching; COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da entrada do Educandário Pedro Cardoso	40
Figura 2: Imagem da plataforma Google Classroom com o vídeo de boas vindas para os alunos do 8° ano.....	42
Figura 3: Reunião com os professores para a volta às aulas no ensino remoto	42
Figura 4: Aula via Google Meet com a turma do 8° ano do Educandário Pedro Cardoso.....	43
Figura 5: Postagem de um dos vídeos produzidos pela turma do 8° ano	45
Figura 6: Postagem de um dos vídeos produzidos pela turma do 8° ano	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1: perfil socioeconômico dos alunos do 8° ano do Educandário Pedro Cardoso.....	45
Gráfico 2: Principais dificuldade enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental 8°ano (%)	46
Gráfico 3: Principais dificuldade enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental 8°ano (%)	48
Gráfico 4: Principais dificuldade enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso (%)	50
Gráfico 5: Principais dificuldade enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso (%)	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVO DA GEOGRAFIA.....	12
1.1 A educação	12
1.2 Educação geográfica significativa	15
1.3 Formação docente para uma educação geográfica significativa.....	21
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19	27
2.1 Covid-19 e o isolamento social	27
2.2 Educação à distância (EAD) e Ensino Remoto: suas diferenças.....	28
2.3 Desafios da educação e docência em tempos de pandemia.....	31
2.4 O ensino de Geografia em meio à pandemia	35
CAPÍTULO 3 – ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE O ENSINO REMOTO NO 8º ANO DO EDUCANDÁRIO PEDRO CARDOSO	38
3.1 Conhecendo um pouco da história do Educandário Pedro Cardoso	38
3.2 Docência e ensino remoto: experiência do ensino de Geografia no 8º ano do Educandário Pedro Cardoso	39
3.3 Pesquisas com os alunos do 8º ano e professores do fundamental anos finais e Ensino Médio do Educandário Pedro Cardoso: experiência com o Ensino Remoto no ano de 2020	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE.....	58

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, vivemos em “terras pouco firmes” quando tratamos da educação brasileira: tanto na educação básica quanto na superior, desde os baixos salários e pouca valorização dos nossos profissionais docentes, além de cortes em pesquisas e pouco dinheiro investido, todos esses problemas ampliam nossa preocupação sobre o futuro da educação brasileira. Sobre a educação geográfica, a mesma vem se renovando junto com a ciência geográfica que, segundo Oliva (2015, p. 34), “vem convivendo com impulsos renovadores há pelo menos vinte anos”. Essa mesma renovação ainda segundo o autor “é muito complexa e desigual no âmbito acadêmico e a relações entre essa esfera e o universo do ensino médio são marcadas por inúmeras dificuldades”.

Desse modo, tendo muito o que lutar por ela e para que a mesma sirva para um ensino-aprendizagem significativo para nossos alunos. Mas, quando falamos de uma educação significativa, tanto geográfica quanto das demais disciplinas, estamos sugerindo que existe um tipo de educação por qual lutar, porém que educação é essa que tanto falamos? Qual o conceito de educação? E qual a sua real função na sociedade? Todos esses questionamentos são necessários para, dessa forma, compreendermos o real sentido de se estudar e dissertar sobre esse tema. A educação que buscamos é a capaz de desenvolver a cidadania junto aos nossos discentes, ampliando sua visão de futuro e de modificador do seu cotidiano.

A Geografia chega para firmar essa visão, desenvolvendo-nos o olhar geográfico, desmitificando aquela Geografia tal qual trabalhava conteúdos e mais conteúdos sem contexto, deixando um conhecimento vago. Surge uma Geografia significativa que tem como objetivo uma educação geográfica capaz de formar cidadãos.

A problemática levantada nessa pesquisa é que a educação geográfica durante um período de pandemia pode ser extremamente importante tanto para se entender esse processo, quanto para mostrar novos meios de se ensinar Geografia juntamente em uma escola que agora está fisicamente distante dos alunos, mas que tenta chegar em suas casas de modo remoto, se utilizando dos meios tecnológicos existentes.

Sabemos que, muitas vezes, nossos alunos se sentem presos e em constante processo mecânico, assistindo aulas somente por assistir, indo para escola “só por ir”, sem nenhuma visão e reflexão de que ali será um ambiente que estabelecerá um desenvolvimento intelectual, reflexivo e cidadão. Mosé (2013, p. 49) dirá que

a vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda se anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas. Gramática, literatura, álgebra, geometria, genética, citologia, ótica, mecânica, saberes que são ministrados isoladamente, cada um retratando um saber que nunca se relaciona com os outros e com a vida, que em si mesma, é extremamente articulada e complexa. Os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas.

A autora evidencia claramente o grande modelo adotado das escolas do nosso país, e nesse período de aulas remotas, tal modelo se expressa no cotidiano dos alunos e professores.

Temos como objetivo dessa pesquisa abordar os conceitos de educação e os novos caminhos para estabelecer um ensino-aprendizagem significativo da Geografia, analisar a educação geográfica dentro do espaço da escola remota, observando nesse espaço como os alunos recebem e produzem o conhecimento geográfico. Procuramos entender a dinâmica do ensino remoto e as demandas dos nossos alunos, professores e gestores desse modelo de ensino.

Diante do tema trabalhado, optamos pela metodologia etnográfica escolar, metodologia essa que trabalha na perspectiva de diálogo com o objeto da pesquisa, fazendo com que a mesma seja observada de forma interativa e reflexiva. Usaremos questionários e documentos que nos norteiem sobre o tema abordado. A metodologia etnográfica escolar “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária” (ANDRÉ, 2008, p. 41).

Nossa pesquisa foi realizada no município de Belém/PB, no Educandário Pedro Cardoso. A referida cidade localiza-se na Mesorregião Agreste Paraibano, distando a 83,1169 Km da capital João Pessoa.

CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVO DA GEOGRAFIA

1.1 A educação

Antes de abordarmos educação ou ensino-aprendizagem de Geografia, é de suma importância entender sobre essa educação que tanto falamos, que tanto buscamos usufruir de seus benefícios e também lutamos para que a mesma seja de direito de todos, além das buscas por uma educação mais abrangente, aperfeiçoada e que se mantenha atualizada nesse século dos grandes avanços e do “mundo interligado”. Segundo Haydt (2006, p. 11), “a palavra educação tem sido utilizada, ao longo do tempo, com dois sentidos: social e individual”. Quando tratamos a educação do ponto de vista social, ainda de acordo com Haydt (2006, p. 11, grifo do autor), estamos nos referindo à

ação que as gerações adultas exercem sobre as gerações jovens, orientando sua conduta, por meio da transmissão do conjunto de conhecimentos, normas, valores, crenças, usos e costumes aceitos pelo grupo social. Nesse sentido o termo educação tem sua origem do verbo latino *educare*, que significa alimentar, criar. Esse verbo expressa, portanto, a idéia de que a educação é algo externo, concedido a alguém.

E, do ponto de vista individual,

a educação refere-se ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada indivíduo, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade. Nesse sentido, o termo educação se refere ao verbo latino *educare*, que significa fazer sair, conduzir para fora. O verbo latino expressa, nesse caso, a idéia de estimulação e liberação de forças latentes (HAYDT, 2006, p. 12, grifo do autor)

Tanto do ponto de vista social e quanto individual, a autora afirma que a educação está voltada para a formação e tem esse aspecto formador na sua essência mas, novamente, é necessário questionar-se sobre a educação. Para Brandão (2007), não existe apenas uma educação e nem mesmo um único modelo de educação. Ou seja, em diferentes povos, países e comunidades, se estabelece uma forma de educar, de formar o indivíduo, para desenvolver, transformar ou conviver com o ambiente comum a todos que fazem parte do determinado grupo. Sendo assim, a educação (ou mesmo o ato de educar) está em todos nós, como afirma Brandão (2007, p. 7): “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. Podemos entender que a educação serve, principalmente para manter tanto os conhecimentos

elaborados durante décadas vivos e em constante renovação quanto para manter os indivíduos ativos em suas comunidades, aprendendo sua cultura e perpetuando a mesma. Por isso, a educação, nas suas variadas formas, é importante para todo tipo de sociedade, desde os nômades até os países industrializados, das classes mais pobres até as ricas, a educação é primordial para avanços e até mesmo, atrasos na sociedade¹, pois a educação serviu para transformar povos em opressores e outros em oprimidos.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2007, p. 10).

A educação prevalece para que as gerações futuras compreendam e saibam dos conhecimentos acumulados, das regras e costumes da sociedade. Podemos entender que não existe povo sem educação: o ato de educar e aprender estão dentro de nós, justamente instigada cada vez mais através da nossa experiência com o mundo. É conviver em sociedade e nos relacionar com o mundo ao nosso redor que nos fazem ser educandos e educadores de nós mesmos juntos com os demais integrantes do nosso grupo social.

Uma das tarefas da educação nas sociedades tem sido mostrar que os interesses individuais só se podem realizar plenamente através dos interesses sociais. Em outras palavras, a educação, ao socializar o indivíduo, mostra a este que, sozinho, o ser humano não sobrevive. Ao contrário, o ser humano só se desenvolve potencialidades em contato com outras pessoas, com o meio social. A convivência no grupo, por sua vez, só é possível se o indivíduo acatar certas regras comuns a todos, se for capaz de “abrir mão” de alguns de seus desejos para ter outros, socialmente aceitos (MEKSENAS, 2007, p. 39).

¹ Um exemplo desse atraso no Brasil foi a educação durante a Ditadura Militar: a censura e, principalmente, a perseguição pelos professores, intelectuais e estudantes da época prejudicaram o desenvolvimento intelectual da sociedade. “Com essa herança a educação brasileira tornou-se refém de um sistema disciplinar que eliminou a filosofia e os saberes reflexivos e críticos e que teve na passividade, na submissão, na repetição e no medo, o seu modelo de conduta. Não a criatividade, a inteligência viva, mas o bom comportamento, a disciplina, a ordem. Sem contar as sequelas deixadas na sociedade, em consequência especialmente do medo de pensar, de se posicionar criticamente, instaurado por um regime que perseguiu pessoas conscientes e cultas, proibiu livros, restringiu condutas. [...] Durante vinte anos foi proibido pensar na sociedade brasileira, especialmente na escola, foco de resistência” (MOSE, 2013, p. 50).

A educação se faz necessária em todas as fases da vida tanto para aceitação social, quanto para orientação acadêmica e profissional. Em termos escolares, podemos abordar juntos aos nossos estudantes as ciências, linguagens e pensamentos acumulados durante a trajetória da humanidade. Porém, para a sociedade que temos hoje, essa educação deve estar voltada para além da simples transmissão desses conhecimentos e fazer com que nossos alunos tenham acesso e tirem suas próprias conclusões, façam suas próprias reflexões sobre os conteúdos.

Para Mosé, a educação exercida na escola deve ser trabalhada através de um processo de produção de conhecimentos com os alunos através do professor, sempre levando em consideração o contexto e vivência dos próprios envolvidos, ou seja, aluno, professor e escola. Muitas vezes, falta o contexto entre o conteúdo ensinado, a escola e a vida dos alunos, deixando o processo de ensino-aprendizagem fragmentado, no que autora aponta que

a fragmentação do pensamento e do saber é o modo mais eficiente de controle social, quer dizer, da submissão de pessoas a um modelo excludente de sociedade. Sem a capacidade de relacionar a experiência particular com o todo da vida, sem a capacidade de articular o todo da vida com um projeto social mais amplo, sem a capacidade de relacionar esse projeto social com o planeta e a vida, jovens e crianças terminam submetidos a processos e engrenagens que os tornam tão pequenos e insignificantes que não se sentem potentes para transformar aquilo que os oprime (MOSE, 2013, p. 52).

Quando falamos sobre a educação fazer com que povos sejam submetidos, sem um conhecimento amplo e reflexivo, as pessoas são oprimidas e não conseguem lutar para sair dessa posição. Mais uma vez, observamos as diferentes formas de educação: a educação do oprimido e a educação do opressor. Para o opressor, “o seu ideal é, realmente, ser homens, mas para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade” (FREIRE, 2005, p. 35). Fica evidente a necessidade de buscar a libertação dessa opressão através de uma educação libertadora, ou seja, uma educação que busque valorizar a reflexão e construção de um pensamento crítico para alcançar a liberdade, liberdade essa que, segundo Freire (2005, p. 37), “é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca”. O autor continua dizendo que “enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta desses a

violência se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser” (FREIRE, 2005, p. 48). É através dessa busca da educação libertadora que caminhamos para sermos homens e mulheres, cidadãos significativos, não somente pessoas inclinadas a obedecer, mas pessoas capazes de construir e transformar sua comunidade.

Com esse entendimento de que educação transcende o simples ato de transmitir conhecimento e vai além dos portões das escolas, seu conceito, além de amplo, é também múltiplo, pois é, de fato, importante entender que existe mais de uma educação, e iremos explorar a educação geográfica, educação essa que leva o sujeito a visualizar o mundo com um olhar próprio e único do olhar geográfico.

1.2 Educação geográfica significativa

A educação é ampla em seus conceitos, funções e passaremos aqui a tratar de uma forma específica de educação: a educação geográfica. A Geografia é uma ciência que abrange as relações do homem com a natureza, logo, uma ciência complexa: sendo assim, ensiná-la é também uma tarefa complexa. A disciplina escolar Geografia, diversas vezes, foi tida como algo cansativo e decorativo: essa forma de se trabalhar com a Geografia fez com que ficasse definido para todos e todas que educação geográfica é somente o ato de decorar os nomes das capitais, estados e rios do nosso país e de outros lugares do mundo.

Pesquisemos a Geografia na escola para entender por qual motivo problemas velhos como esses ainda se perpetuam nas escolas do nosso país. Para começar a entender o percurso feito pela Geografia e pelo ensino da mesma, abordaremos três períodos para a Geografia, segundo Couto (2015). No primeiro período, a Geografia ainda tinha por nomenclatura utilizada corografia. Nesse período, mais especificamente no século XIX no Brasil, eram estudadas as descrições e características dos países e dos continentes: a Geografia “só funcionava” para localizar e descrever lugares. Podemos classificar essa Geografia como sendo tradicional.

No segundo período, temos uma diferença: agora enxergamos os amplos conceitos da Geografia. Nas escolas, já começam a estudar tanto a Geografia física quanto a humana, econômica e regional. Isso mudou a visão de uma Geografia

simplesmente decorativa e descritiva para algo mais amplo e significativo. O terceiro período ocorreu a ditadura militar e, com isso, de acordo com Couto (2015, p. 123), “ocorreu o esvaziamento do conteúdo crítico, pela junção com a disciplina de história – na forma de estudos sociais – e pela política de fazer da escola um instrumento da ideologia nacional – desenvolvimentista, atreladas ao capital e ao endividamento externo”.

Após um longo período de esvaziamento do ensino da Geografia, ocorreram mudanças: “a partir da década de 1980, se fortalece o movimento de renovação crítica do pensamento geográfico” (op. cit.), tendo esse movimento de renovação sido influenciado tanto pelo materialismo histórico dialético quanto pela fenomenologia.

Como vimos, de acordo com essa linha de períodos, a Geografia chegou a seu terceiro período saindo da opressão da ditadura e volta renovada. Porém a disciplina que se ensina-aprende na escola é, ainda hoje, muitas vezes descritiva, sem nenhum contexto crítico, ou seja, algo que não faz ligações com o cotidiano dos alunos e da escola, e muito menos leva o mesmo à reflexão, se tornando algo enfadonho e pouco interessante.

Para que o cérebro humano aprenda, existe um processo, com bloqueios e filtros, para que somente conhecimentos que atravessam as barreiras impostas pelo cérebro permaneçam, ou seja, aprendidos realmente. Esses filtros são compostos pelo sistema radicular, amígdala e a dopamina, conhecido pela sigla RAD que, segundo Antunes (2014, p. 15),

para que uma informação consiga passar pelo primeiro filtro “R” deve-se apresentar como novidade que seja, portanto, interessante. Toda informação considerada “sem graça”, “chata” ou “repetitiva” é imediatamente bloqueada no primeiro filtro. Se ao contrário, é sugestiva, supera essa barreira e passa para o segundo filtro “A”, que é a amígdala, também conhecido por filtro “afetivo” ou “emocional”. Se a informação que chega é nova e interessante, mas não agradável ou emocionante, o segundo filtro trata de bloqueá-la. Vencido o segundo obstáculo, a informação “banha-se” de “D”, dopamina, o neurotransmissor do prazer, e é assim assimilada.

Podemos observar que para chegar à aprendizagem significativa, deve-se passar pelo filtro radicular: o mesmo bloqueia tudo que não se faz novo ou interessante, quando pensamos nas nossas aulas, a forma como passamos o conteúdo em sala é interessante suficiente para passar por esse filtro e assim o aluno conseguir uma aprendizagem significativa ou é mais do mesmo que não chama a atenção do aluno. “Nesse aspecto, cabe ao professor tornar os conteúdos

conceituais com os quais trabalha algo interessante, novo, surpreendente, colorido, grande, criativo, desafiador, etc” (ANTUNES, 2014, p. 16). Sabemos como a aprendizagem se realiza e forma, cabendo a nós tentarmos usar esses conhecimentos para um ensino-aprendizagem significativo. Para realizar a educação geográfica de forma que os nossos alunos consigam aprender e não mais enxergar essa disciplina como uma que só servirá durante o ensino básico, com avaliações e notas suficientes para passar de ano letivo, devemos compreender um pouco do conceito da Geografia e sua função.

No ensino básico de muitos alunos, existiu aquele professor/professora de Geografia que, em seu primeiro dia de aula, conceituou a Geografia como sendo a ciência que estuda a Terra, ou que Geografia significa descrição da Terra, devido a etimologia da palavra que deriva do grego geo = terra; grafia = escrita. Porém, o conceito de Geografia não é tão simples e conceituar muitas vezes essa ciência é extremamente complexo. No decorrer da formação dessa ciência, houve vários conceitos desde a Geografia tradicional, baseada no método positivista, às Geografias crítica e fenomenológica.

A Geografia “refere-se a um campo do conhecimento científico, onde reina enorme polêmica” (MORAES, 2010, p. 4). Polêmica essa que nasce desde seu objeto de pesquisa e dúvida de qual Geografia ensinar na sala de aula, já que existem muitas Geografias. A educação geográfica deve ser voltada a ensinar “**a Geografia do bom-senso**. Nada mais e isso tudo” (ANTUNES, 2014, p. 33, grifo do autor). Uma Geografia que tanto interage com o espaço vivido pelo aluno, auxiliando o mesmo na compreensão desse espaço até entender a interação do trabalho, natureza e indivíduos no objetivo de trazer reflexões, ou seja, ajudar o aluno a pensar o mundo.

A **Geografia**, portanto, é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço. Também é concebida como o estudo da superfície terrestre, da distribuição espacial e das relações recíprocas dos fenômenos físicos, biológicos e sociais em nela se manifestam (ANTUNES, 2014, p. 32, grifo do autor).

A ciência geográfica trabalha o espaço, porém, é um espaço específico que denominamos de espaço geográfico: “devemos compreender o espaço geográfico como base da superfície terrestre que sofreu inúmeras transformações” (QUINCAS; LEÃO; LADEIRA, 2018, p. 114). Essas transformações são resultado das relações físicas da Terra e, principalmente, das relações do homem com a natureza, onde o

homem a modifica a cada dia com suas inovações tecnológicas: desde o descobrimento do fogo, a dominação da arte agrícola até os dias atuais com as mais altas inovações técnicas, o homem modifica esse espaço transformado em espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia.

De acordo com Antunes (2014, p. 34, grifo do autor), “enquanto outras ciências estudam aspectos particulares e peculiares da natureza e do homem, **cabe à Geografia examinar e explicar a estreita relação e interdependência entre esses elementos**”. Ainda de acordo com o autor (2014, p. 35, grifo do autor),

melhor do que a busca de definições complexas, que dizem muito e não explicam a verdadeira Geografia, é pensá-la como a ciência **do homem e de sua interdependência com o ambiente**. É uma ciência das paisagens que modelam a humanidade e são por ela modeladas.

Como disse Kaercher (2014, p. 29), “fazer da Geografia a filosofia do ser/estar no espaço”. Usar o entendimento e conhecimentos geográficos para a compreensão pelo aluno do seu espaço vivido. A geografia escolar, através da educação geográfica, tem como função fazer com que, por meio dos conceitos e conhecimentos geográficos, o aluno desenvolva aptidões que o levarão a compreender o lugar onde vive e entender a dinâmica do mundo ao seu redor. Chamamos essa visão de olhar geográfico: o aluno através do desenvolvimento significativo da Geografia conseguirá ir além com uma visão crítica e perceptiva da realidade.

Antunes (2014, p. 11, grifo do autor) traz uma crônica para se pensar e refletir sobre a educação geográfica, abordaremos trechos que explicam essa visão através do olhar geográfico.

Ramiro é professor de Geografia e, sentado na areia da praia, olha um morro. O morro que ele vê não é o mesmo morro que outras pessoas olham. Ao contemplar, sabe que esse morro surgiu quando, agitada, a terra se convulsionou em movimentos vigorosos. Ramiro sabia que era por certo bem mais alto o morro que agora vê, pois a chuva, a alternância de temperaturas o esculpiu com as suaves formas que agora mostra. [...] Ao ver o morro, Ramiro também sabe do homem que o habita, que tempos atrás por ali foi chegando de mansinho e erguendo seu rancho, à espera de um dia reclamar como sua a terra que não era de ninguém. [...] A Geografia acrescentou lentes especiais aos olhos de Ramiro.

Ramiro, como professor de Geografia, tem o olhar geográfico, uma forma de enxergar os fenômenos através das interações, interligações e relações entre si, mas não é só o docente de Geografia que pode ser provido dessas “lentes especiais” de enxergar a sociedade: uma das funções da educação geográfica é

estabelecer esse olhar para os alunos. A Geografia na escola “deve ser útil à formação de pessoas que, em princípio, não serão especialistas nesta disciplina” (QUINCAS; LEÃO; LADEIRA, 2018, p. 117), ou seja, não precisa ser geógrafo/a para se contemplar dos benefícios de enxergar o mundo com o olhar crítico e significativo.

Esse olhar crítico e significativo é importante para a construção de aluno cidadão: para que o mesmo consiga desenvolver esse olhar, é preciso que ele realmente aprenda a Geografia significativa e sabemos que “ensinar geografia num mundo em que tudo é rápido e que o interesse maior tem sido, na escola, fazer um ensino pragmático de modo a responder as exigências postas por um mundo que tem a sua sustentação maior no mercado” (CALLAI; MORAES, 2017, p. 83).

Torna-se difícil, porém, para um ensino significativo e dinâmico levar em consideração os conhecimentos trazidos pelo aluno e entender que todo saber é provisório e suscetíveis a mudanças. Dessa forma, a escola deve compreender e instigar a renovação do conhecimento, fazendo com que o professor e aluno trabalhem na construção de um novo conhecimento, que servirá para abrir os olhos em relação às mudanças e desigualdades sociais (MOSE, 2013). Para Callai; Moraes,

é importante “a formação de sujeitos que ao compreender a espacialidade em que vivem possam, através do conhecimento, produzir o seu empoderamento com exercício de autonomia na constituição de sua cidadania” (CALLAI; MORAS, 2017, p. 83).

Ainda sobre a educação geográfica, é um modo de formar alunos para exercer a cidadania, visualizando os problemas e sendo críticos sociais dispostos a transformar e modificar o espaço. A cidadania, para Damiani (2015, p. 51), é compreendida como sendo o envolvimento sobre “a questão da sociedade civil e suas formas de apropriação do mundo produzido por ela, para além das formas de representação política, que se desenvolvem e, muitas vezes, substituem a apropriação concreta, por sua mistificação e espetacularização”.

Segundo a autora, é quando o indivíduo consegue se sentir apropriado do espaço, onde mantém relações e interage no mesmo, tanto no aspecto político quanto social.

Para Santos (1998, p. 7), “a cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância”. Ainda sobre cidadania, o autor acredita que

para se chegar a ela, deve-se lutar constantemente contra a manipulação, o consumo pelo consumo, ou seja, lutar para deixar de ser um homem alienado, que segundo Santos (1998, p. 53), “é como se lhe houvessem manietado, para roubar-lhe a ação, e imposto barreiras à visão, para cegá-lo. Seus olhos são fechados para a essência das coisas”. Para se tornar cidadão, deve-se se desalienar, lembrando que “assim como o indivíduo deve estar sempre vigiando a si mesmo para não se enredar pela alienação circundante, assim o cidadão, a partir das conquistas obtidas, tem de permanecer alerta para garantir e ampliar sua cidadania” (SANTOS, 1998, p. 80).

Se tratando da educação, ela se faz essencial para a cidadania, pois “cidadania sem dúvida se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura” (SANTOS, 1998, p. 7). Desse modo, o autor afirma que, para se chegar a cidadania, deve-se fugir da

educação corrente e formal, simplificadora das realidades do mundo, subordinada à lógica dos negócios, subservientes às noções de sucesso, ensina um humanismo sem coragem, mais destinado a ser um corpo de doutrina independente do mundo real que nos cerca (SANTOS, 1998, p. 42)

E deve-se buscar a educação que renove o seu “humanismo verdadeiro”, desenvolvendo sua cidadania e não se conformando com as desigualdades e manipulações da sociedade (SANTOS, 1998). A cidadania desenvolve a dinâmica de mudança no mundo e a educação geográfica desempenha um papel importante nesse sentido, pois, segundo Kaercher (2014), a educação geográfica tem a função de fazer com que o aluno melhore o seu desempenho na leitura de mundo, dinamizando os seus pensamentos de forma a enxergar todos os aspectos do problema ou da ação tanto local, na sua comunidade, quanto mundial. Conseguir entender os problemas e as diferenças na sociedade, com a necessidade de interagir para melhorar, para transformar é o que entendemos como um aluno cidadão, pois não estará alheio e não se sentirá “fante” do sistema.

Para Callai; Moraes (2017, p. 84), “uma educação geográfica se apoia em considerar as seguintes dimensões: o quê, para quem; para quê; como.” De acordo com as autoras, a primeira dimensão “O QUE” é composta dos conteúdos escolhidos para serem ministrados em sala de aula e que são importantes para a aprendizagem dos alunos, sendo esses conteúdos escolhidos “uma produção social, sempre interessada, nunca com características de neutralidade” (op. cit.). A segunda dimensão “PARA QUEM” remete a entender o corpo discente, conhecer o contexto

social e emocional dos alunos, sua cultura e cotidiano além da escola. Essa dimensão “é fundamental para que se possa fazer a interligação com a educação para a formação cidadã, afinal, interessa compreender quem são e o que pensam os interlocutores do processo de ensino e aprendizagem” (op. cit.). A terceira dimensão “PARA QUE” é o nosso questionamento como professor de Geografia, o para que ensinar estes conteúdos, entender os objetivos dos mesmos, refletir se os conteúdos e conhecimentos construídos em sala de aula transformam a visão dos alunos e se são significativos para seu desenvolvimento como cidadão.

Oportunizar ao aluno o exercício da crítica e da interpretação da vida no mundo comum pode ser um dos objetivos da geografia e ao trabalhar com os conteúdos, construindo os conceitos, pode-se estar trilhando o caminho que fundamenta o ensino de geografia com o aprendizado significativo (op. cit.).

E, por último, a dimensão “O COMO”, que resulta do conjunto de formas, estratégias e metodologias de se buscar um ensino aprendizagem significativo da Geografia, é onde tentaremos colocar em prática todas as outras dimensões, não existe uma fórmula mágica para um ensino significativo: “É importante ressaltar que não existem receitas para fazer o ensino e que a dimensão didático pedagógica se afirma como elemento significativo na escolha dessas alternativas que se caracterizam por metodologias, atividades, etc.” (op. cit.). Concordando com essas dimensões, é necessário entender que

a educação geográfica considerada nessa interpretação traz junto consigo a possibilidade de fazer uma educação cidadã, uma vez que o objetivo é abordar os conteúdos da geografia, construindo conceitos para fazer a análise geográfica com o olhar numa postura de formação para a cidadania (CALLAI; MORAES, 2017, p. 86).

Diante do objetivo de formar um aluno cidadão, percebemos que podemos alcançá-lo através desse processo de ensino-aprendizagem da educação geográfica de forma a estabelecer conhecimento significativo e transformando seu modo de enxergar, enxergando com “lentes especiais” com criticidade e perceptividade os fenômenos.

1.3 Formação docente para uma educação geográfica significativa

Quando falamos dos docentes de maneira geral, sabemos dos inúmeros problemas que consistem na vida desse profissional, dentre eles, a desvalorização

salarial, a falta de recursos e a falta de interesse do alunado. Esses problemas encarados pela docência não são diferentes quando falamos do professor de Geografia. Couto (2015) traz à tona que os docentes da área geográfica apresentam “um conjunto de problemas que dificultam atingir os objetivos propostos em sua prática em escolas públicas: **desinteresse dos alunos, a ausência das famílias, e grandes dificuldades de leitura e escrita de textos por parte dos alunos**” (p. 109, grifo do autor). Ainda segundo o autor,

os professores também alertam que algumas condições que permitiriam enfrentar tais problemas estão ausentes em grande parte das escolas, resultantes do quadro de funcionamento das redes públicas de ensino: baixos salários e muitas aulas, muitos alunos em sala, ausências de bibliotecas ativas e de materiais didáticos, falta de coordenação pedagógica, organização do tempo-espaço escolar que dificulta o trabalho coletivo docente entre outros (op. cit.).

Concordando com Couto (2015), Silva; Araújo (2014, p. 20) também afirmam que no nosso país sempre existiu uma discussão sobre a profissão docente e sobre sua valorização e que, hoje, o que observamos “é uma lógica que prejudica a permanência do profissional docente em sala de aula em virtude de diversos fatores estruturais e conjunturais dentre eles podemos citar a formação inadequada, a falta de condições de trabalho, os baixos salários, etc.”

Infelizmente, a questão de desvalorização do professor e a falta de recursos de nossas escolas públicas são questões que estão acima da nossa alçada. Não é novidade as altas críticas sobre a atividade docente do nosso país, “seja do ponto de vista social, do grau de instrução do profissional, das condições de trabalho, etc.” (SILVA; ARAÚJO, 2014, p. 20). Porém, fazer com que nossas aulas e que a escola seja mais estimulante e interessante para o aluno é algo possível de realizar, com paciência, entusiasmo e criatividade, pois para “ser professor no Brasil é uma tarefa que requer vocação e vontade de exercer um trabalho social que contribua para a formação da cidadania e do aluno e que faça que estes percebam a realidade em que vivem” (op. cit.). Um professor deve estar se atualizando e pesquisando. Segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 95),

se considerarmos a docência como atividade intelectual e prática, revela-se necessário ao professor ter cada vez maior intimidade com o processo de investigativo, uma vez que os conteúdos, com os quais ele trabalha, são construções teóricas fundamentadas na pesquisa científica. Assim, sua prática pedagógica requer de si reflexão, crítica e constante criação e recriação do conhecimento e das metodologias de ensino, o que pressupõe uma atividade de investigação permanente que necessita ser aprendida e valorizada.

A prática docente e a pesquisa caminham juntas, pois é com a pesquisa que o professor pode desenvolver práticas que sejam estimulantes e que consiga desenvolver um “carinho” pelo aprender. São essas novas práticas que podem fazer com que o aluno se interesse mais e sinta que a escola não é uma prisão e sim um lugar pra socializar-se e crescer intelectualmente além de transformar o aluno em aluno cidadão, dando oportunidade do mesmo compreender sua vida e se sentir inserido e transformador da sociedade. Atitudes didáticas que estimulam o aluno a desenvolver seu conhecimento pode apagar a idéia de que “as escolas mais emitem diplomas do que educam” (COUTO, 2015, p. 110).

Na sociedade contemporânea em que vivemos, onde alguns de nossos alunos e de nossas alunas são portadores/as de dispositivos móveis cheio de informações, o professor não pode acreditar que deve ter a função de uma “Wikipédia”, ou seja, de compilar informações e mais informações: é desse modo que o aluno percebe que não quer prestar atenção ou se interessar na aula, pois pode pegar seu celular e em poucos minutos ter acesso a mais informação do que o seu professor ou professora lhe forneceu em 50/45 minutos de aula. Dessa forma, nossos professores devem mediar as informações recebidas pelos alunos, pois os discentes muitas vezes não conseguem relacionar os conteúdos repassados na escola para sua realidade (MOSE, 2013). Juntos, professores e alunos podem transformar essas simples informações em conhecimento, sendo esse conhecimento um produto significativo e desenvolvidor para os mesmos e de acordo com Sacramento (2015, p. 11, grifo da autora), um dos pilares fundamentais para a construção do conhecimento escolar é

a mediação entre o professor-aluno-saber, fomentando a *práxis* os conhecimentos específicos e cotidianos para a apreensão dos conteúdos e conceitos necessários à compreensão de sua vivência. Mediar o conhecimento significa mediar para o outro alguma informação, mas na Educação não é qualquer uma, e sim construir meios no desenvolvimento de uma relação ímpar com os alunos, envolvendo não só a disciplina escolar, mas tudo aquilo que promova certa aprendizagem.

Compreendemos que a função do professor nesse processo de ensino-aprendizagem é mediar, mas mediar de forma que não só transmita informações para o aluno, mas para que juntos consigam construir algo sólido e significativo, levando em consideração o contexto e vivências de ambos sujeitos do processo. Essa “ação docente está, portanto, relacionada aos caminhos didático-pedagógicos e educacionais na orientação dos saberes científicos em sala de aula, para

promover uma aprendizagem significativa” (SACRAMENTO, 2015, p. 11). Essa aprendizagem mediada pelo professor contribui “para a evolução conceitual dos alunos, refletindo sobre a realidade vivida por eles, respeitando suas histórias de vida e contribuindo para que entendam o seu papel na sociedade: o de cidadão” (op. cit.).

A formação docente em Geografia se faz muito importante, pois sabemos que nossos alunos e alunas ainda possuem a visão de que Geografia é a simples arte de decorar nomes de capitais, rios e desenhar mapas “mesmo que quase nada deles saibamos ler e interpretar – pintar mapas não é fazer Geografia. É treinar coordenação motora, é correr o risco, de fazer da Geografia algo enfadonha e, paradoxal, limitar a capacidade de ler e pensar o mundo” (KAERCHER, 2014, p. 27).

Para além desse quadro, façamos com que essa disciplina se torne o que ela realmente é, em que Kaercher (2014, p. 42) se refere como ela sendo “filosofia de nossa cotidianidade”, uma disciplina que nos motiva a enxergar o espaço geográfico, como sendo as relações e interações humanas com o ambiente natural, nosso lugar no mundo como algo capaz de ser transformado, não só estático, além de nos mostrar que não somos alheios, que também podemos fazer, ser e mudar onde vivemos.

Quando falamos de professor no Brasil seja de Geografia ou outras disciplinas, estamos falando, segundo Silva; Araújo (2014, p. 21), de professores e professoras que, na sua grande maioria, são

provenientes de meios desfavorecidos e que tiveram que batalhar para conseguir o seu lugar no mercado de trabalho, tendo como trajetória de superação de obstáculos de todo tipo, no plano social e econômico, principalmente em se tratando de sua própria formação profissional e nos investimentos para se chegar a carreira docente.

Todo o contexto vivido pelo professor desde suas origens à sua prática docente configura de forma positiva ou negativa o cenário educacional brasileiro, do modo como dizem os autores à vida do professor para chegar a sala de aula das nossas escolas não são fáceis, e no decorrer desse caminho existem muitos obstáculos dificultando sua formação profissional. Desse modo,

é necessário fazer uma reflexão sobre a significação da experiência e do saber universitário como prática profissional, resumindo, existe a necessidade de se investigar como se encontra a vida dos professores para se ter a noção de qual é a real situação deste em sala de aula e refletir que tipo de ensino esta sendo trabalhado com os alunos (SILVA; ARAÚJO, 2014, p. 21).

Os autores continuam defendendo que

é possível se ter a imagem do professor do século XXI, e esta reflete a sua situação como profissional da educação nas instituições em que trabalham, apresentando um esgotamento, na maioria dos casos, em virtude das condições de trabalho (principalmente em escolas de difícil acesso) e do acúmulo de vários empregos em diversos estabelecimentos de ensino, em virtude da necessidade da complementação de renda em virtude dos baixos salários (SILVA; ARAÚJO, 2014, p. 21).

Podemos compreender, através dos autores, que existe uma cadeia de ações que contribuem para os baixos desempenhos dos nossos docentes e do baixo estímulo tanto do professor quanto do aluno. Professores e professoras sobrecarregados/as, com muitas aulas em escolas diferentes, esforçando-se para manter um padrão de vida razoável, acaba por desanimar em suas aulas, não tendo tempo para planejar uma aula mais dinâmica que chame a atenção do aluno, além de não ter tempo nem possibilidade de ter uma formação continuada. Nossos professores, principalmente das escolas públicas, encontram dificuldades para uma formação continuada, pois as escolas públicas pouco investem nessa formação que se faz importante para um bom desempenho profissional do mesmo (SILVA; ARAÚJO, 2014).

O professor e professora, nos dias atuais, muitas vezes se encontram sem saída para ampliar seus conhecimentos e inovar nas suas práticas, devendo procurar meios para sua formação contínua. Porém, de acordo com Silva; Araújo (2014, p. 21), “a perda do poder aquisitivo, em virtude da deterioração dos salários pagos aos professores, tornando inviável o investimento em livros e qualificação profissional, prejudicando o trabalho docente em sala de aula”. A profissão docente deve como já foi dito, estar em constante formação e nós, como professores e professoras, devemos tentar tirar o foco das partes negativas, como já foram citadas e “partir para a luta” em busca de uma educação de qualidade.

Professores e professoras de Geografia devem ser direcionados/as a cumprir com o juramento de sempre buscar desenvolver uma educação cidadã de qualidade para nossos alunos. Pensando nessa busca de desenvolver um melhor ensino-aprendizagem é que muitas pesquisas e artigos são produzidos tratando dessa problemática (CAVALCANTI, 2012). Ainda segundo a autora, essa formação docente tanto desenvolve o professor quanto estabelece um melhor desenvolvimento para os alunos a partir do momento que o professor sai em busca de inovação e renovação e suas práticas auxiliando em um melhor ensino-

aprendizagem dos discentes. Ela também coloca princípios para a formação inicial do professor quanto para a continuidade da mesma, que são as seguintes:

O professor é um profissional em formação constante. Trata-se de levar em conta nos processos formativos que a formação inicial não é suficiente para uma atuação profissional de qualidade; ao contrário, a formação deve ser contínua, permanente, e deve ocorrer também nos diferentes espaços de atuação profissional, ou seja, nas escolas (CAVALCANTI, 2012, p. 18, grifo da autora).

O professor é um profissional cuja atividade primordial é intelectual. Isso significa dizer que o trabalho central do professor é lidar com instrumentos simbólicos para o relacionamento com o mundo, para lidar com os desafios que surgem nas atividades cotidianas e no desenvolvimento social. Nesse sentido, a relevância de seu papel na sociedade é a de ajudar as pessoas a se apropriar desses instrumentos de desenvolvimento cognitivo, social e emocional como ferramentas simbólicas, que permitem alterações na relação com a realidade (CAVALCANTI, 2012, p.20, grifo da autora).

Na formação, a construção da identidade profissional tem papel fundamental. Essa afirmação orienta a formação para o foco nas práticas profissionais. Também tem como propósito sublinhar que, nos processos formativos, é relevante que o sujeito possa refletir sobre essa identidade, não como única dimensão de sua vida, evidentemente, mas como dimensão importante e que, como tal, deve ser valorizada (CAVALCANTI, 2012, p. 21, grifo da autora).

A formação do professor não pode estar baseada exclusivamente no conteúdo específico da disciplina que vai ensinar. Essa assertiva tem a ver com o entendimento de que a atividade do professor, como atividade intelectual complexa e que compõe a identidade do sujeito, exige saberes específicos. O conteúdo da disciplina a ser ensinada não pode, portanto, ser a base única, nem mesmo central, de sua formação (CAVALCANTI, 2012, p. 22, grifo da autora).

Podemos concordar que esses princípios são bases chaves para um ensino-aprendizagem de Geografia significativo, tanto a formação continuada, fazendo com que o professor vá além dos muros das universidades buscando seu aperfeiçoamento como profissional; tanto intelectualmente, fazendo com que os alunos tenham meios de refletir e construir conhecimento através da mediação do profissional docente; refletir sobre suas práticas e sobre sua docência ao longo de sua carreira; além de ser necessário estudar e buscar saberes além da disciplina de Geografia, fazendo ligações e complementando o saber geográfico. Como diz Karnal (2014, p. 15), só se aprende a ser professor praticando e desenvolvendo sua prática em sala de aula. “nada no planeta pode substituir a experiência de enfrentar uma turma pela primeira vez”.

CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19

2.1 Covid-19 e o isolamento social

O ano de 2020 trouxe mudanças inimagináveis para a população mundial: surge um vírus e o mesmo consegue desestabilizar o mundo, tanto em questões econômicas quanto sociais. A educação sofreu e está sofrendo mudanças, desse modo, se faz necessário compreendermos a qual problema nos referimos e suas consequências.

O vírus “denominado SARS-CoV-2, é o causador da Covid-19, considerado um distúrbio causador da síndrome respiratória aguda grave” (LAZZARETTI et al., 2020, p. 3).

Ainda sobre a Covid-19 os autores indicam que ele tem seu surgimento “em dezembro de 2019, em um mercado de frutos do mar na cidade chinesa Wuhan, pertencente à província de Hubei” (LAZZARETTI et al., 2020, p. 3). E, desde então, acarretou na morte de milhões de pessoas no planeta, ensejando a pandemia e, conseqüentemente, o isolamento social que vivemos hoje no mundo. Segundo Cordeiro (2020, p. 7),

A pandemia, denominação que se caracteriza quando há um aumento elevado de número de casos de uma determinada doença, acima do esperado em uma região e extrapola para outros lugares do país e ainda se estende por diversas regiões do planeta. Nesse caso, torna-se o pior dos cenários e o governo tem a obrigação de sugerir e até impor o isolamento social.

Como sabemos, em 2020, mais especificamente em 11 de março com a Covid-19, entramos no contexto de pandemia, “visto que a mesma já se alastrava por vários países do mundo não apenas na China” (CORDEIRO, 2020, p. 7). Em vista disso, começamos a enxergar a verdadeira gravidade e “sentir na pele” as consequências de uma pandemia, quando as pessoas deixam de andar tranquilamente na rua, frequentar seus lugares de costume e, em vez disso, ficar em casa com medo pela sua vida e de seus familiares. “Em suprimento às aulas presenciais, que foram suspensas por observância às prescrições sanitárias de isolamento e distanciamento social para a redução da curva de contágio pelo novo coronavírus, subitamente, professores, alunos e familiares tiveram de se amoldar, ou

pelo menos empenhar-se, frente a essa nova exigência” (NEVES; ASSIS; SABINO, 2021, p. 2).

O governo então decreta o isolamento social, que é o ato de separar as pessoas, ou seja, se resguardar e não conviver com os demais membros da sociedade. O isolamento social tanto pode ser voluntário quanto forçado e que, nesse caso foi forçado por conta da saúde mundial prejudicada devido à pandemia do novo coronavírus.

Mesmo sendo algo necessário para resguardar a saúde da população mundial, o isolamento traz enormes prejuízos à população. Segundo Cordeiro (2020, p. 8),

o isolamento social involuntário ou forçado, pode trazer inúmeros prejuízos ao ser humano, ocasionando quadros psicológicos de ansiedade e depressão, uma possível crise financeira devido ao alto índice de desemprego em virtude das indústrias, comércios e serviços deixaram de funcionar e ocorrer a queda das vendas dos produtos, haja vista que as pessoas em isolamento consomem bem menos.

Começamos a viver diferente, saímos da zona de conforto e, de uma hora para outra, nos vemos confinados, exigindo da população novas formas de reaprender a viver no contexto da pandemia. Nesse contexto mundial, as relações pessoais e profissionais chegam a um patamar que se contrapõem ao modo que vivíamos e a educação não fica de fora dessas mudanças, as escolas fecham suas portas, professores, gestores, alunos e todo restante da comunidade escolar sofrem com as consequências do Covid-19.

As mudanças e a preocupação sobre o que fazer na educação com as escolas fechadas “veio aos montes”, tanto com os envolvidos com a educação quanto as famílias dos nossos alunos e alunas, porém “com o fechamento das escolas contribuimos para que esse número não seja ainda maior, preservando, assim, a segurança e o cuidado com a comunidade escolar e seu entorno” (CHARCZUK, 2020, p. 2). O número em que a autora remete, são os números de contaminados e vítimas do Covid-19, mostra o quanto se fez e faz necessário esse processo de distanciamento social para amenizar a curva de contágio e nos adaptarmos a outras formas de ensinar e aprender. “A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento” (KIRCHNER, 2020, p. 46).

2.2 Educação à distância (EAD) e ensino remoto: suas diferenças

Através das mudanças no mundo em 2020, incluindo as escolas fechando suas portas, foi necessário redirecionar a comunidade escolar a se adaptar a esse novo contexto.

De acordo com a portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o MEC dispõe a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais enquanto durar a situação de pandemia do COVID – 19. Neste aspecto todos os meios tecnológicos como internet, mídias digitais, celulares, smartphones, Televisão, são fundamentais neste processo (CORDEIRO, 2020, p. 10).

Então, a educação deve ser reinventada: sabemos que a mesma é um processo histórico e cultural que se adapta ao cenário a que se depara, sempre com o objetivo de desenvolver o indivíduo. E, como aponta Kirchner (2020, p. 50), “nesse cenário incontestável de rápida mudança, a escola e a educação, por meio dos educadores, necessitam se envolver com as tecnologias e suas ferramentas, as inovações metodológicas e a realidade virtual que por muitas vezes foi o alvo de resistências”.

Busquemos expor um breve histórico da educação à distância e a educação não presencial que tivemos contato nesse cenário de pandemia. A educação à distância é um modelo de educação que vem se desenvolvendo e se adaptando há séculos, “está imbricado com os processos de globalização que provocam mudanças no campo da economia, mas para além deste interfere na cultura e consequentemente no campo educacional (NOGUEIRA; BATISTA, 2020, p. 2).

Esse processo de desenvolvimento da educação a distância é dividido em cinco gerações. A chamada “primeira geração do EaD teve início no século XVIII com o anúncio de um curso de taquigrafia por correspondência na cidade de Boston” (NOGUEIRA; BATISTA, 2020, p. 3). Já a segunda iniciou-se com “destaque na década de 1930, por meio de transmissões realizadas pelo rádio e anos mais tarde pela TV” (op. cit). “A terceira geração começa com a criação começa com a expansão das universidades abertas e teve início no final da década de 1960 com a British Open University (Universidade Aberta Britânica)” (op. cit). A próxima geração já começa a se aproximar da percepção que possuímos de EaD: ela se “inicia com a oferta de cursos por meio de teleconferências e interação síncrona, sendo necessário o uso de computadores e conexão com a internet” (op. cit). E, atualmente chegamos na sua quinta geração que “é marcada pelo uso de computadores,

tabletes e celulares e conexão com a internet, além das tecnologias digitais de informação e comunicação” (op. cit).

No decorrer desse processo de desenvolvimento da Educação à distância no mundo, muitas pessoas conseguiram aprender e se profissionalizar para o mercado de trabalho, desde o seu início através de “material impresso, entre pelos carteiros, em suas casas” (op. cit).

A EaD é um modelo educacional com características e requisitos próprios “entre eles, metodologia de ensino, infraestrutura e formação adequada aos profissionais envolvidos” (NOGUEIRA; BATISTA, 2020, p. 5). Essa forma de educação é flexível, o aluno centro desse conceito educacional faz seu determinado horário para estudar e, como afirmam os autores, “se há ausência desses requisitos, não podemos configurar a oferta como educação a distância, pelo simples fato, de alunos e professores estarem em espaços diferentes” (NOGUEIRA; BATISTA, 2020, p. 5).

A educação a distância naturalmente exige um planejamento, formação adequada e os componentes que fazem parte desse sistema estão cientes dos métodos utilizados, como afirma Cordeiro (2020, p. 9),

o diferencial é que na educação a distância o conteúdo é assíncrono e autoinstrucional, com a flexibilidade do tempo, com autonomia para o aluno estudar em qualquer horário. As videoaulas são gravadas e sempre há a figura do tutor para acompanhar as atividades e tirar as dúvidas dos alunos. Além de possuir uma padronização no material didático, calendário e atividades.

Mas, aí chegamos ao ensino durante a pandemia, sabemos que esse impacto no mundo pegou a todos e todas de surpresa. “Um acontecimento global que exigia o distanciamento em massa remodelou planos em curso e cobrou imediatas e eficientes respostas dos órgãos/entidades reguladoras da educação em todo país” (BORSTEL; FIORENTIN; MAYER, 2020, p. 38). Desse modo, foi necessário criar meios emergenciais para amenizar as consequências negativas desenvolvidas, entre eles a forma de ensinar. Começou-se a pensar no ensino-aprendizagem para fora do espaço escolar habitual por resultado do fechamento das escolas de forma involuntária, porém necessária, surgindo, assim, a alternativa de substituir as aulas presenciais por aulas online.

Esse ensino organizado de forma emergencial durante a pandemia denominamos de Ensino Remoto Emergencial, que necessita dos meios

tecnológicos como a EaD, sendo essa semelhança acabando por aí, pois esse ensino vai estar voltado para o mais próximo possível da rotina das aulas presenciais, como os horários que permanecem os mesmos além de que não houve um planejamento e formação adequada para os envolvidos. Como afirma Borstel; Fiorentin; Mayer (2020, p. 38), “com início da pandemia provocada pelo corona vírus (Covid-19), o processo, que parecia lento e gradual, foi sistemático, e os educandários e profissionais da educação não tiveram muito tempo para adaptações”. Segundo Charczuk (2020, p. 4),

o ensino remoto não pode ser considerado uma modalidade educativa, mas, sim, uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos.

A autora continua discorrendo sobre o ensino remoto, dizendo que no mesmo,

Não existe planejamento ou modelo teórico – conceituais específicos e prévios para sua prática; há apenas a transposição do trabalho presencial para um espaço digital ou impresso. Usam-se recursos digitais ou materiais entregues aos alunos para viabilizar o que foi planejado pedagogicamente para ser realizado presencialmente, sem a enunciação explícita de um plano didático - pedagógico articulado com as ferramentas (CHARCZUK, 2020, p. 5).

Levando em consideração esses aspectos abordados, evidenciam-se as vulnerabilidades do ensino remoto emergencial e sua diferenças da educação à distância (EAD), é dito também que foi uma ação adaptada as nossas vidas sem um planejamento e de forma repentina, mas com o propósito de viver esse momento pandêmico sem deixar de viver a tentativa de ensino-aprendizagem no nosso país e em tantos outros.

Mesmo diante de todos os desafios, as instituições de ensino têm empreendido esforços para reduzir o dano acarretado pela pandemia ao processo ensino – aprendizagem através do ensino remoto emergencial, mas necessitam de investimentos para essa finalidade e de promoção da inclusão digital (NEVES; ASSIS; SABINO, 2021, p. 12).

São tempos difíceis que desestabilizam e essa ação educacional vem na tentativa que não é totalmente assertiva, mas que possibilita a não paralisação do ensino-aprendizagem, Charczuk (2020, p. 16) traz o pensamento de como esse modo de ensino “se coloca como emergência e desafio para todos os participantes da cena educativa nesse contexto de pandemia”.

2.3 Desafios da educação e docência em tempos de pandemia

Ensinar, aprender se reinventar, palavras chaves para o período que vivemos 2020 foi um ano conturbado em todas as áreas e, principalmente, no círculo educacional, em que, em meio à pandemia, as instituições de ensino e corpo docente se viram remodelando o seu jeito de trabalhar. “Com o intuito de manter as atividades educacionais durante o período de isolamento social, muitas instituições adotaram o ensino remoto, no qual os educadores tiveram que adaptar seus conteúdos para o formato online” (CORDEIRO, 2020, p. 2). Como já foi dito, essa ação pedagógica surgiu de forma emergencial e caiu sobre os ombros dos nossos educadores sem um aviso prévio e uma verdadeira preparação. Esse uso de tecnologias para as aulas foi, para alguns, uma novidade. E desse modo, tiveram que aprender a usá-las e mesmo para aqueles que já tinham uma base sobre essa tecnologia tiveram que se reinventar para trabalhar seus conteúdos com esses meios. A autora Cordeiro (2020, p. 4) explica que

o avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador.

É possível enxergar essas ferramentas tecnológicas como um novo procedimento metodológico de ensino, nesse período de Isolamento social, entretanto, nossa autora reflete sobre a seguinte problemática:

muitos professores ainda vêem a tecnologia em sala de aula como mais uma ferramenta de ensino onde por muitas vezes aplicam a mesma metodologia tradicional de ensino o que pode significar um retrocesso diante dos avanços tecnológicos no qual vivemos (CORDEIRO, 2020 p. 4)

São grandes desafios que nossos/as docentes e instituições de ensino vêm passando e ainda passam nesse período de pandemia. Essa vivência distante da escola e dos nossos alunos e alunas tem uma grande importância. Ainda sobre essas mudanças, a autora Wandscheer (2020, p. 237) diz que passamos a vivenciar uma nova forma de aprendizagem, o Ensino Remoto, algo totalmente novo, com poucas escrituras a respeito, o qual vem atender uma educação num cenário exigido pela sociedade em isolamento social.

A mesma continua dizendo que essa nova forma de trabalhar a educação, “inevitavelmente assusta, nos desafia e nos mostra uma atualização de nossos afazeres e nossa forma de conduzir, uma nova forma de educação em tempos de Pandemia, de isolamento social” (WANDSCHEER, 2020, p. 238). Uma adaptação que poderia levar anos foi impulsionada de forma muito rápida surgia uma nova “era educacional” alunos e alunas, professores e professoras em suas casas juntos no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, entendemos de acordo com a autora, que passamos por mudanças acarretadas pelo uso das novas tecnologias que “nos desprende do aqui e agora, apontando para uma outra direção, a virtualização da educação” (WANDSCHEER, 2020, p. 238). Indicam também Silva; Petry; Uggioni (2020, p. 34) que,

em função da urgência e da necessidade em um curto período de tempo toda a comunidade escolar passou por uma aceleração e uma imersão em um mundo de conhecimento e competência que, por vezes, não se havia dado a real importância e que em ritmo normal de processo, levaria bem mais tempo para se concretizar.

Essa nova forma de ensino-aprendizagem trouxe tanto inseguranças como também novas possibilidades para os docentes. Inseguranças por ter que se adaptar ao novo de forma tão rápida e despreparada, segundo Wandscheer (2020, p. 241), “estabelecer relações com as novas tecnologias educacionais e ao mesmo tempo fazer com que professores e alunos fossem adeptos desta nova forma de ensinar poderia ser um grande desafio, mas antes de tudo uma grande possibilidade”. Possibilidades de inovar, melhorar e estimular o ensino-aprendizagem, de acordo com Cordeiro (2020, p. 11),

o uso adequado e estruturado da tecnologia na educação, quando aliado ao trabalho docente, pode impulsionar a aprendizagem dos alunos. Além disso, no mundo contemporâneo cada vez mais conectado exige o desenvolvimento de conhecimentos e competências específicas que precisam ser trabalhados na escola.

Ainda sobre a tecnologia no meio educacional, os autores frisam que,

a tecnologia hoje é onipresente em diversos aspectos, desde a maneira como acessamos, buscamos e trocamos conhecimentos e informações, bem como na forma que nos comunicamos e fazer bom uso dessa tecnologia em nosso favor e para facilitar a forma como nos relacionamos e ensinamos, nos proporciona ganhos significativos (SILVA; PETRY; UGGIONI, 2020 p. 34)

Tecnologia, educação e suas relações são termos que vem sendo discutidos há muito tempo e que, no cenário atual, de certa forma tiveram um

impulsionamentos devido às necessidades geradas, afirmam Borstel; Fiorentin; Mayer (2020, p. 37) que “há bastante tempo, discute-se a relação entre as tecnologias educacionais e o papel da escola diante da cultura digital, partindo do princípio de que usar tecnologias na escola significa aprimorar o processo de ensino aprendizagem”. Os autores continuam atestando como as “experiências e práticas pedagógicas mediadas através do uso das TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – destacavam-se, revelando que as TDICs proporcionavam dinamismo e interatividade nas práticas pedagógicas”.

Sabemos que já existiam muitos problemas na educação brasileira e é certo que, nesse cenário mundial pedagógico, compreendemos que muitas das dificuldades encontradas nas aulas presenciais aparecem nas aulas online, além dos novos desafios e problemas “com as aulas online, surgiram novos desafios que não eram comuns nos encontros presenciais como problemas de conexão e engajamento dos alunos à distância” (CORDEIRO, 2020, p. 6). Contudo, é incrível imaginar que nesse pequeno espaço de tempo vimos professores, alunos e gestores se reinventando e colocando em primeiro lugar o ensino-aprendizagem discentes, pois não se podia deixar os mesmos sem aulas, sem conhecimento, sem educação, visto que “o pior cenário é o estudante não estar participando das atividades, uma vez que o conteúdo trabalhado nesse período é importante e fará falta em sua trajetória estudantil, em sua vida e na sua carreira” (SILVA; PETRY; UGGIONI, 2020, p. 33), mesmo com as diferentes formas de se relacionar nesse novo ‘mundo escolar’ onde sala de aula física se torna sala de aula virtual, é importante saudar

a criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiático: criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferências para a execução de atividades síncronas como em sala de aula (CORDEIRO, 2020, p. 6)

Os momentos de crises chegam e desestabilizam, mas também trazem consigo a força de vontade de superar as adversidades, os professores sofreram um grande fardo com essas mudanças, cuja possibilidade de continuar o ensino-aprendizagem por outros meios e a possibilidade de levar a sala de aula para a casa dos alunos foram possíveis por

acreditarmos que nossos professores foram os grandes percussores desse caminhar. Em meio a tantas alterações, descobrimos que um grupo sólido, integrado, que almeja os mesmos ideais, torna o trabalho mais leve, mais

alegre e que com o passar dos dias, semanas, meses, vamos encontrando uma luz no fim do túnel (WANDSCHEER, 2020, p. 245).

Nas relações e no uso das tecnologias no cenário educacional, ainda existe um grande percurso a ser desenvolvido, muitos desafios foram vencidos e superados. Entretanto, como a autora menciona, “estamos apenas engatinhando no quesito uso das tecnologias na educação, cultura digital, plataformas digitais. Mas também precisamos evidenciar que iniciamos, com alguns tombos, joelhos ralados” (WANDSCHEER, 2020, p. 245).

2.40 ensino de Geografia em meio à pandemia

Já foi discutido o quanto a educação geográfica é importante para o desenvolvimento do sujeito em busca do tornar-se cidadão, pois esse é um dos principais objetivos de se trabalhar a Geografia e as outras demais disciplinas na escola com os nossos jovens e crianças, formar um aluno-cidadão. E, para isso, é necessário um ensino que leve em consideração a abertura para questionamentos e desenvolvimento do seu eu crítico, para que os nossos discentes não estejam alheios aos acontecimentos à sua volta.

No ano de 2020, com a pandemia da Covid-19, e as inúmeras mudanças em praticamente todas as áreas da nossa sociedade inclusive e de forma lamentável o fechamento das nossas escolas, tais ações foram necessárias. Touxe-nos ainda mais questionamentos sobre a educação a escola e no nosso caso em especial sobre a educação geográfica. Afirmam Silva; Nascimento; Felix (2020, p. 1) que a

pandemia afetou as diversas áreas da sociedade, em especial o cotidiano escolar reafirmou alguns questionamentos acerca da função social da escola e dos conhecimentos ali produzidos, pois entendemos que a escola é um espaço, além de várias outras funções, de produção de conhecimento.

Os autores ainda continuam afirmando os desafios da escola nesse momento de pandemia e a importância dos conhecimentos geográficos para que o aluno estabeleça relações e compreenda esse processo vivido por todos nós:

Desta forma um dos grandes desafios da escola neste momento, neste contexto de pandemia e ensino remoto, seria manter a ideia da importância socioespacial da escola, de seu papel na formação de uma sociedade crítica e para isso, os conhecimentos geográficos apresentam-se como fundamentais, pois possuem o papel de instrumentalizar o aluno na

compreensão do espaço e toda a dinâmica que o envolve (SILVA; NASCIMENTO; FELIX, 2020, p. 2).

Sabe-se que a desorganização por parte de diretrizes sobre essa educação durante a pandemia fez com que cada escola de cada região do nosso país tentasse adaptar-se ao seu modo e condições, com grandes contrastes entre si, escolas públicas e privadas que, de acordo com Silva; Nascimento; Felix (2020, p. 3),

a falta de diretrizes obrigam as escolas a adaptarem seu cotidiano de acordo com a realidade em que estão inseridas, algumas com mais preparo e aparato tecnológico, fruto das condições de seu público, como é o caso das escolas da rede particular, tiveram seu horário e cotidiano adaptados ao novo sistema, enquanto isso existem escolas que continuam paradas por falta de recursos.

As dificuldades e contrastes entre as escolas do nosso país se tornaram mais evidenciadas nesse contexto, além das dificuldades no ensino das disciplinas como a Geografia. “O atual contexto evidencia algumas dificuldades já enfrentadas pela escola, pelas disciplinas em geral e também no ensino de Geografia” (SILVA; NASCIMENTO; FELIX, 2020, p. 2).

Nesse novo cenário, discussões que já eram problematizadas e enfatizadas pela Geografia nas instituições acadêmicas e na escola vieram à tona com ainda mais força (SILVA; NASCIMENTO; FELIX, 2020, p. 7). “Questões como desigualdade social, avanços e uso de tecnologia, a importância da escola para a sociedade e a importância das instituições públicas para a manutenção dos direitos sociais” (op. cit.). O que podemos enxergar que muitas dessas problemáticas e desafios que a escola e o próprio ensino de Geografia vêm enfrentando, vêm tentando ser superado, mesmo com esse ensino remoto, segundo Manfio (2020, p. 136):

a educação nesse quadro de isolamento social vem superando muitos desafios, tais quais: as desigualdades digitais, a falta de domínio tecnológico de alguns docentes, a dificuldade de avaliação escolar, a rotina escolar em casa dos alunos, entre outros. Um dos grandes desafios da educação e especialmente da geografia escolar é romper com a decoreba de conceitos e temas.

E como tentar sair desse tipo “tradicional” de ensino, mesmo dentro dessa educação durante a pandemia? Segundo Manfio (2020, p. 137), é tentar “pensar atividades e práticas para os alunos demonstrarem seu conhecimento e vivência”. De acordo com a autora Oliveira (2021, p. 9) existem premissas que são a essência do ensino de Geografia.

Um primeiro elemento a ser pontuado diz respeito à alfabetização espacial, sendo compreendida como instrumentalização para que os sujeitos possam ler, interpretar, escrever e resolver problemas em seus espaços proximais, vividos, percebidos e realizados. Outro tópico fundamental pode ser entendido como a formação cidadã dos estudantes, já que as noções de ser-no-mundo e estar-no-mundo e seus amplos debates – passam pelo ensino de Geografia, na medida em que a Geografia é fundamental na construção de sujeitos que participem da vida social sendo o espaço, elemento chave para tais compreensões. Uma terceira premissa a ser destacada trata-se do uso de múltiplas linguagens no ensino de Geografia: mapas, globos, aplicativos, música, vídeos, imagens, textos... São alguns dos elementos fundamentais para provocar reflexão sobre a sociedade contemporânea e, com isso, ilustrar os elementos circundantes às realidades dos estudantes.

Com essas premissas e nesse período atípico em que vivemos na vida e na educação, “pensar o ensino de Geografia nesse contexto, portanto, é pensar que o espaço geográfico não será mais o mesmo, ainda que toda população mundial seja vacinada e que as situações voltem, em determinado grau, a um nível de normalidade” (OLIVEIRA, 2021, p. 14). Desse modo, tanto no ensino presencial quanto no remoto a educação geográfica se faz necessária na formação do aluno, no desenvolvimento e na compreensão da vida e do social, como aponta Silva; Nascimento; Felix (2020, p. 7), “a educação geográfica tem também o papel de formar a criticidade dos alunos, por meio da análise espacial”. Assim, o ensino-aprendizagem de Geografia vem trazendo, à luz da criticidade, as expressões das desigualdades e caminhos de superá-las no espaço social.

CAPÍTULO 3 – ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE O ENSINO REMOTO NO 8º ANO DO EDUCANDÁRIO PEDRO CARDOSO

3.1 Conhecendo um pouco da história do Educandário Pedro Cardoso

Em meados do mês de agosto do ano de 2009, a atual Gestora Lucilene de Oliveira Silva era funcionária de outra escola da cidade e lá iniciou as suas atividades como gestora da instituição em 2006. Ao passar dos anos, a escola onde trabalhava veio garantindo bons resultados em serviços educacionais e aumentando, gradativamente, a satisfação do alunado. Apesar disso, com a divergência de opiniões relacionadas à estrutura física e pedagógica da escola, a gestora pediu seu desligamento desta instituição.

Após seu desligamento, Lucilene relatou a Everton Fernandes (ambos os donos e atual gestores do Educandário Pedro Cardoso) seu desejo em uma educação diferenciada para o município de Belém e, diante de tudo que ela vinha relatando sobre a insatisfação de não conseguir colocar em prática todo o seu trabalho, trouxe a proposta de uma nova escola que, sem titubear, aceitou.

Depois dessa decisão conjunta, ambos foram procurar, na época, o padre Jandeilson para locar o prédio do antigo Sanctu's Angelu's. Após uma reunião, conseguiram alugar a futura sede do Educandário Pedro Cardoso que, até então, não tinha nome definido.

Assim, faltava oficializar qual seria o nome da escola, como também qual seria a proposta que ela levaria para a sociedade belenense. Passados alguns meses, o padre entregou as chaves do prédio. Entre setembro e novembro, estavam Lucilene e Everton em busca de um nome para o empreendimento. Passado alguns dias, a Dona Ivonete, mãe de Everton, citou o nome do avô de Everton que se chama Pedro Cardoso da Silva, e que poderiam fazer uma homenagem a ele, surgindo, assim, o Educandário Pedro Cardoso. O avô que colaborou no surgimento de Belém e ajudou a colocar o sino da Igreja Nossa Senhora da Conceição. A figura 1 mostra a atual entrada do Educandário Pedro Cardoso.

Agora faltavam os documentos para a legalização da Escola. Everton procurou seu tio, João Cardoso da Silva, para fazer todos os procedimentos para a abertura da empresa, aberta em 11 de janeiro de 2010. Assim, mês a mês, foi

retirando as outras documentações necessárias para o pleno funcionamento da empresa.

O Educandário Pedro Cardoso divulgou seus serviços em busca de alunos dentro da cidade. A equipe, na época, era composta por Benedito, Ivan e Cleide ambos docentes e reuniram um total de 25 alunos para iniciar as aulas no dia 09 de fevereiro de 2010, com séries do maternal ao 5º ano. Atualmente, o Educandário Pedro Cardoso tem 420 alunos, com séries do maternal ao 3º médio.

Neste ano de 2019, firmamos 10 anos do Educandário Pedro Cardoso. Como mérito deste trabalho, colhemos hoje as aprovações da nossa 1ª turma do Ensino Médio de nossa escola. Obtivemos 16 alunos aprovados após serem submetidos as avaliações do ENEM, para diversos cursos nas universidades federal e estadual da Paraíba. E no ano de 2020, até agora na primeira chamada, tivemos 6 aprovações nos diferentes cursos federais e estaduais.

Figura 1: Foto da entrada do Educandário Pedro Cardoso



Fonte: Paula Dayana Silva Alves, 2020

3.2 Docência e ensino remoto: experiência do ensino de Geografia no 8º ano do Educandário Pedro Cardoso

A escola Educandário Pedro Cardoso, foi uma das muitas escolas que tiveram seu fechamento devido à pandemia do COVID-19, pois como medidas de

proteção, tivemos que praticar o isolamento social. Tendo como base o Decreto nº 40.128 de 17 de março de 2020 que no seu Art. 2º

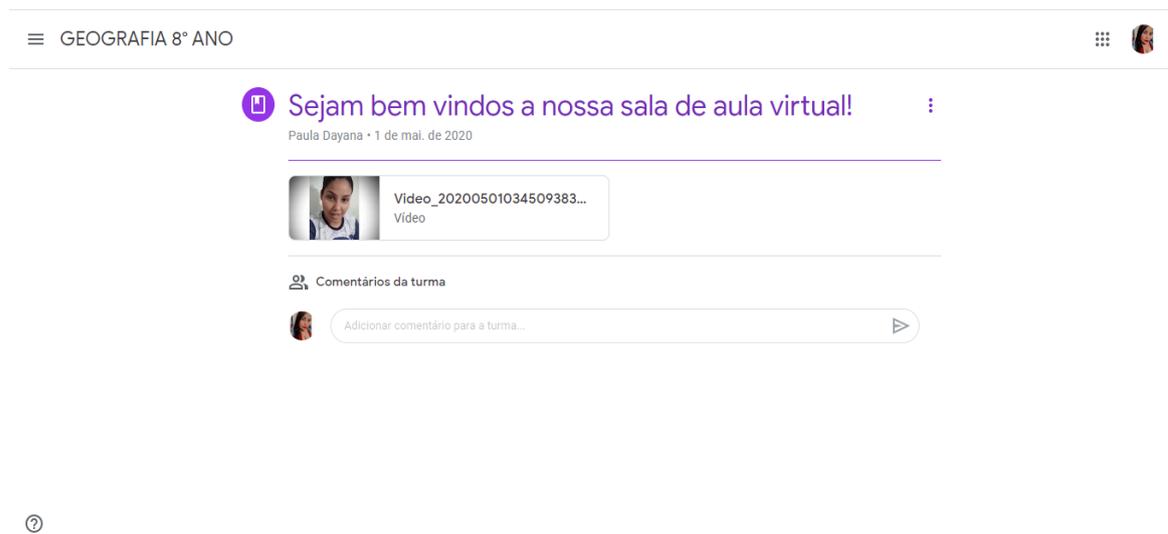
Fica determinado recesso escolar em toda rede pública estadual de ensino no período de 19/03/2020 até 18/04/2020. Parágrafo único. A determinação prevista no caput também se aplica às redes de ensino municipais e às escolas e instituições de ensino privadas localizadas no Estado da Paraíba (PARAÍBA, 2020).

Assim sendo prorrogadas as suspensões das aulas por diversos outros decretos, fazendo com que o ano de 2020 as aulas e a tentativa de ensino-aprendizagem, fossem trabalhadas de um modo não presencial.

No caso da escola estudada, após o período de recesso antecipado tivemos conversas por meio do WhatsApp, com orientações para utilizar o Google Meet e assim fazer reuniões para saber como trabalhar com os nossos alunos em casa.

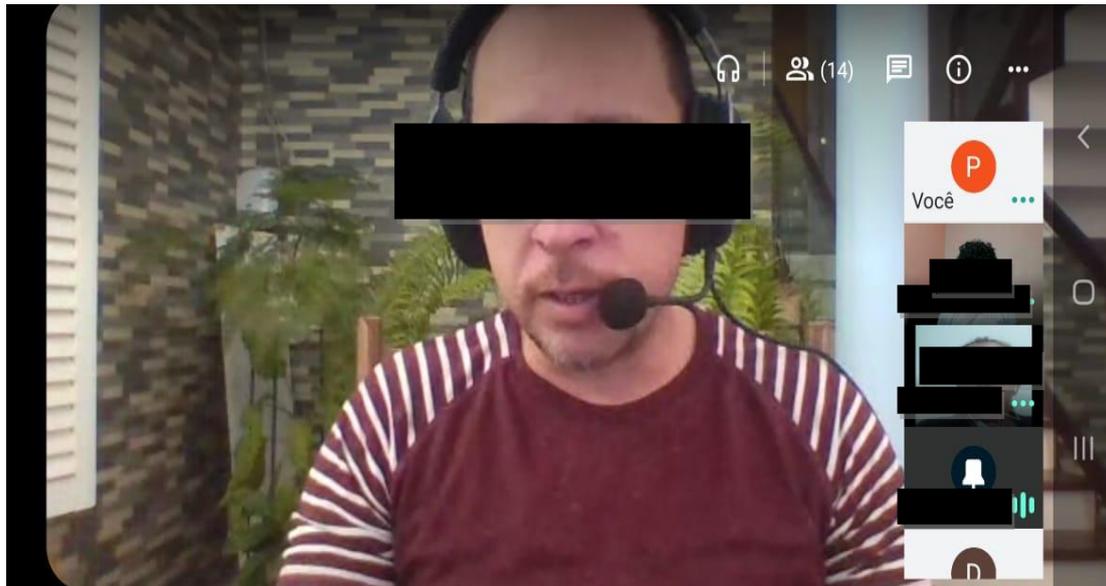
Nessas reuniões, foram discutidas inúmeras questões de como trabalhar e as ferramentas a ser utilizadas. Nosso gestor nos auxiliou com instruções de como utilizar Google Classroom ou Google Sala de Aula e também o Google Meet, plataformas essas que foram adotadas pela Escola. O mesmo também fez reuniões com os alunos mostrando os detalhes e de como utilizar corretamente para quando voltasse às aulas nesse modelo remoto. Através do Google Classroom, nós professores e professoras tivemos o primeiro contato com nossos alunos e alunas após o fechamento das escolas, com a disponibilização de um vídeo feito por cada professor dando boas vindas e convidando todos e todas para essa nova forma de ensino que iríamos estabelecer durante esse ano. Na figura 2 mostra a plataforma Google Classroom com o vídeo de boas vindas disponibilizados para os alunos e alunas do 8º ano e na figura 3 temos a imagem de umas das reuniões realizadas pelo gestor com os professores e professoras da escola.

Figura 2: Imagem da plataforma Google Classroom com o vídeo de boas vindas para os alunos do 8° ano



Fonte: Paula Dayana Silva Alves, 2020

Figura 3: Reunião com os professores para a volta às aulas no ensino remoto

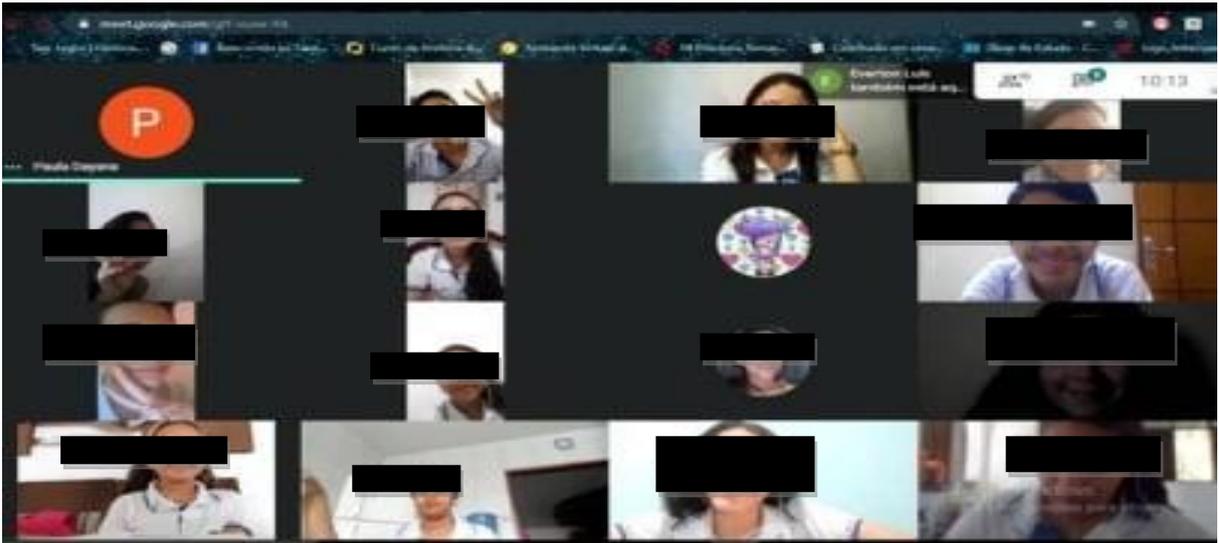


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020

Em 4 de maio de 2020, as aulas no Educandário Pedro Cardoso iniciaram novamente, mas de forma remota, nosso primeiro encontro na aula de Geografia foi no dia 6 de maio, as aulas seguiram um padrão que tentava imitar as aulas presenciais, com mesmo tempo de aula e horário de intervalos, com o mesmo cronograma das aulas e distribuição de disciplinas.

Trabalhamos todo o ano letivo com videoconferências através do Google Meet e com a disponibilização de vídeos, materiais e atividades pelo Google Classroom, seguimos com a continuação dos conteúdos programados e utilizamos o livro didático, também disponível para os alunos em pdf.

Figura 4: Aula via Google Meet com a turma do 8º ano do Educandário Pedro Cardoso



Fonte: Paula Dayana Silva Alves, 2020.

Nas videoconferências das aulas de Geografia, dividíamos a aula sempre em dois momentos: o primeiro de exposição do conteúdo, cujo material já estava disponível no Google Classroom, e no segundo momento, os nossos alunos abriam os microfones ou digitavam no chat suas dúvidas e opiniões sobre os assuntos. Como mostra na figura 4 os alunos do 8º ano participando da aula via Meet. Tivemos algumas dificuldades, principalmente nas questões de problemas com a conexão com a internet: o aluno ficava oscilando entrando e saindo da aula e acabava com pouco entendimento do conteúdo. Outra dificuldade no início das aulas foi de se adaptar tanto ao Google Meet quanto ao Google Classroom, que aos poucos foram diminuindo.

Em relação às atividades avaliativas, trabalhamos com exercícios na plataforma, apresentações, provas orais e trabalhos que explorassem a criatividade dos nossos discentes e os meios de interação que eles possuem como as redes sociais.

Para o trabalho avaliativo do 4º bimestre, por exemplo, abordamos o conteúdo África: população e demografia, conteúdo esse que abrange a diversidade étnica da africana, história de luta contra o Apartheid, o líder de resistência Nelson Mandela, além das características demográficas e os movimentos migratórios da África.

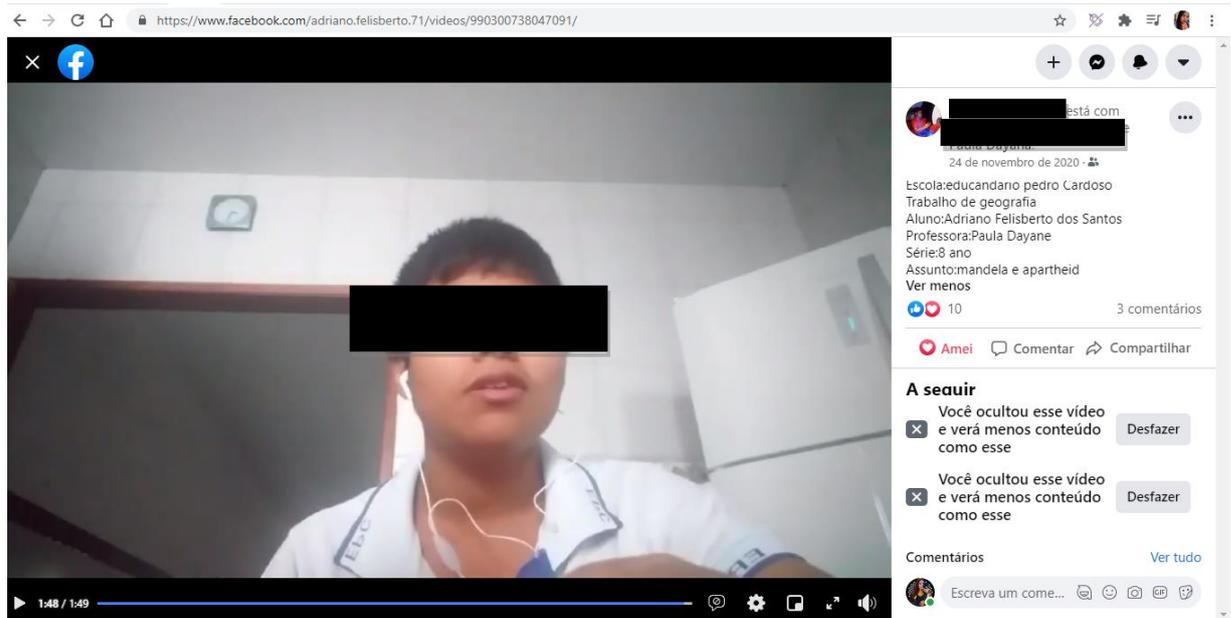
No primeiro momento, discutimos os temas nas videoconferências, fizemos atividades e assistimos ao documentário sobre o Apartheid e Nelson Mandela. Depois disso, das colocações dos alunos sobre a vida de Nelson Mandela e esse regime de segregação que dominou por bastante tempo a África do Sul, foi proposto para os alunos a seguinte atividade: ambos produziram um vídeo falando sobre Nelson Mandela e o Apartheid e postaram na sua rede social de preferência, os mesmos escolheram o Facebook, organizaram o vídeo e ao postar marcarem na publicação o Facebook da escola e o da professora, essa atividade teve como objetivo tanto incentivar a criatividade dos alunos, a participação da família e levar o conhecimento escolar para além da sala de aula virtual, levando conhecimento para a comunidade. As figuras 5 e 6 mostram alguns dos vídeos postados no Facebook pelos alunos e alunas do 8º ano.

Figura 5: Postagem de um dos vídeos produzidos pela turma do 8º ano



Fonte: Paula Dayana Silva Alves, 2020.

Figura 6: Postagem de um dos vídeos produzidos pela turma do 8º ano



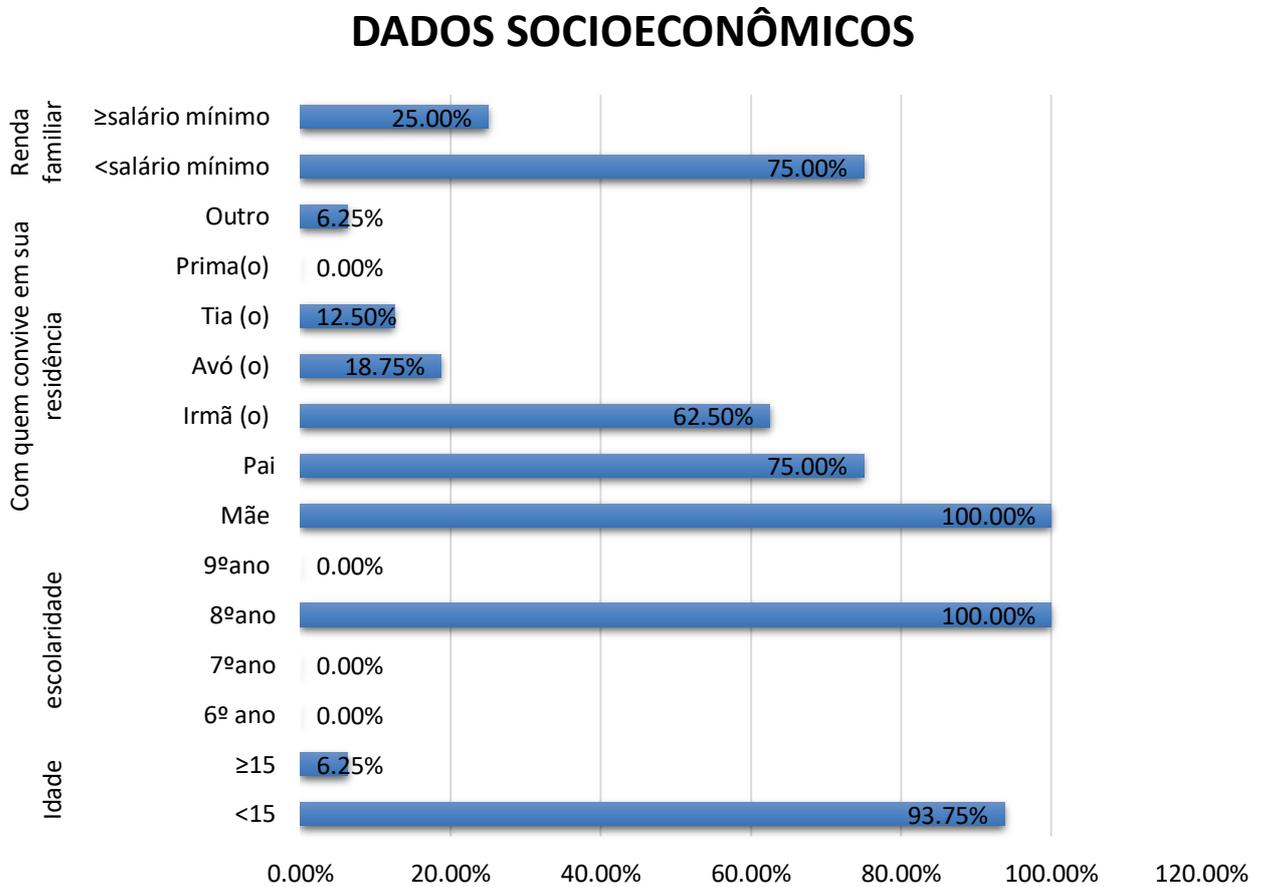
Fonte: Paula Dayana Silva Alves, 2020.

Depois de toda a produção e postagem dos trabalhos, fizemos uma videoconferência para saber como foi a experiência e, de forma geral, os alunos se divertiram ao fazer os vídeos, muitos tiveram ajuda dos familiares para ajudar na gravação e acharam muito gratificante os comentários positivos na rede social.

3.3 Pesquisas com os alunos do 8º ano e professores do fundamental anos finais e Ensino Médio do Educandário Pedro Cardoso: experiência com o Ensino Remoto no ano de 2020

Essa pesquisa teve como objetivo entender como foi a experiência dos alunos da turma do 8º ano do Educandário Pedro Cardoso e dos professores/as que lecionaram nas turmas do fundamental anos finais e ensino médio durante o ano de 2020 no ensino remoto.

Para a pesquisa, utilizamos três questionários dois destinados para os alunos, sendo um questionário socioeconômico e um para os professores (apêndices 1, 2 e 3). A turma escolhida para a pesquisa tinha 20 alunos e 10 professores. Os questionários foram aplicados através do Google Formulário, com o link enviado no grupo dos professores e dos alunos pelo WhatsApp. Dos 20 alunos da turma do 8º ano todos aceitaram responder e um total de 10 professores responderam ao questionário.

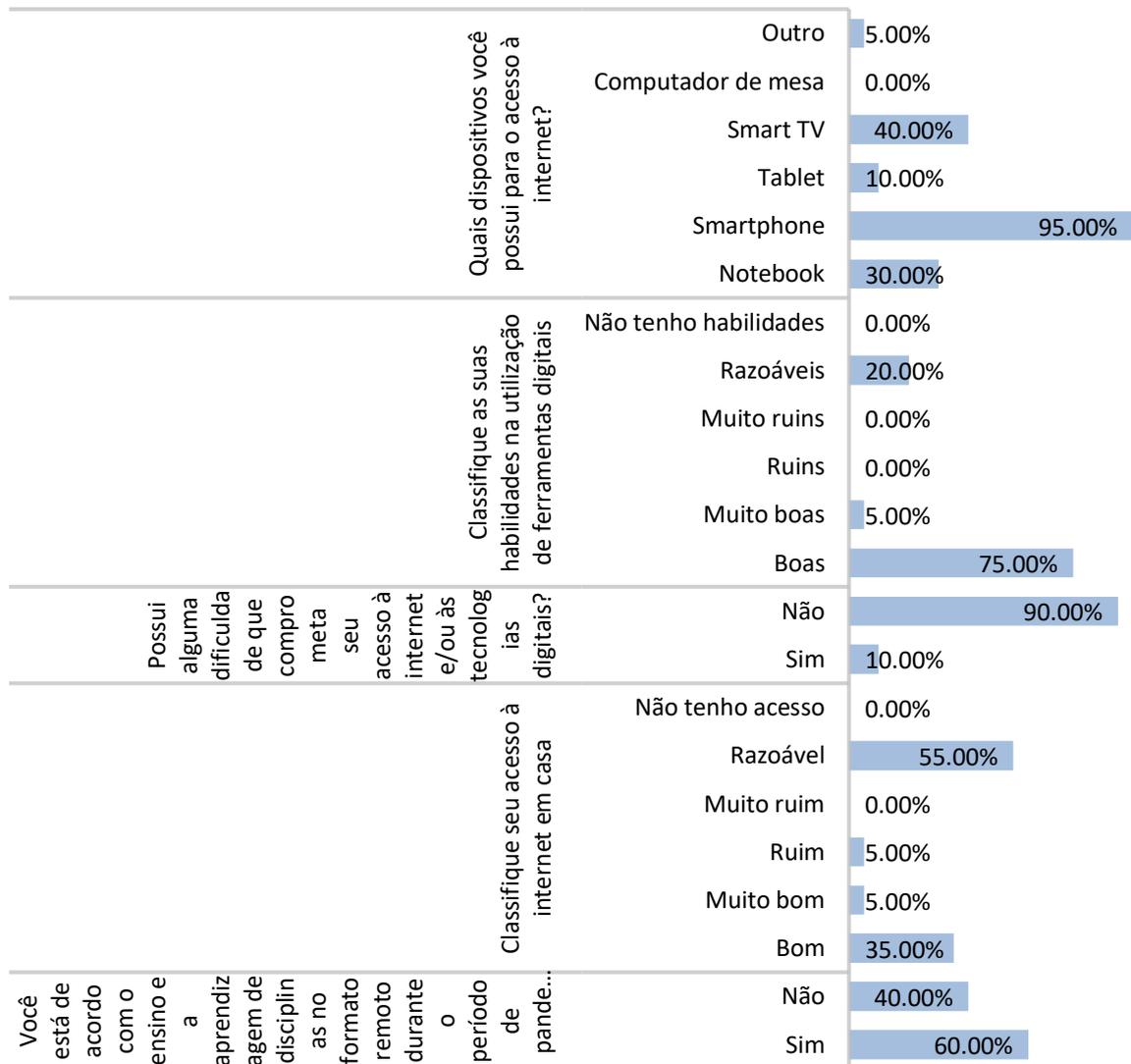
Gráfico 1: Perfil socioenômico dos alunos do 8º do Educandário Pedro Cardoso

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No Gráfico 1 possuem em sua grande parte 93,75% menos de 15 anos de idade, com renda familiar de 25% maior ou igual a um salário mínimo e 75% menos de um salário mínimo, mostrando que as famílias não possuem um alto valor aquisitivo, mas que buscam uma educação de qualidade para seus filhos. Ainda segundo os dados coletados, vemos que a grande parte dos alunos convive com suas mães 100% e com seus pais 75%.

Gráfico 2: Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental 8º ano

PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 8º ANO (%)



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O Gráfico 2 é o resultado da primeira parte da pesquisa feita com os alunos do 8º ano, constatamos no que se refere ao ensino e a aprendizagem no formato remoto que 60% dos alunos estão de acordo e 40% responderam que não estão de acordo com esse formato de ensino. Em relação ao acesso a internet 55% dos alunos possuem uma internet razoável, 35% boa, 5% muito boa e 5% uma internet ruim, esses dados explicam alguns problemas derivados da falta de conexão de internet de alguns alunos no decorrer das aulas.

Ao que se refere a dificuldades que comprometam o acesso a internet e a outras tecnologias digitais 90% dos alunos responderam que não possuem nenhuma dificuldade nesse quesito. Em relação as suas habilidades na utilização de ferramentas digitais 75% classificaram como sendo boas e 20% como sendo razoáveis, nenhum dos alunos responderam que não possuíam habilidades. Desse modo, conseguimos compreender que muitos alunos não concordam com as aulas remotas devido o percurso que foi a adaptação para esse novo meio de ensino e em contrapartida muitos concordam, pois enxergam essa necessidade de estudar mesmo que seja por seus dispositivos tecnológicos.

No quesito habilidade observamos que em sua grande parte os alunos possuem boas habilidades e facilidades para com esses meios tecnológicos. A maior parte dos alunos 95% tem acesso à internet através do Smartphone, utilizando os mesmos para assistir as aulas e envio das atividades.

Gráfico 3: Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental 8º ano (%)

Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental 8º ano (%)

	Qual sua preferência de ensino?	Presencial	95.00%
		Remoto	5.00%
	Como está sendo sua relação com seus professores e professoras nesse período remoto?	Razoável	15.00%
		Muito ruim	5.00%
		Ruim	0.00%
		Muito boa	55.00%
		Boa	25.00%
	O/A diretor/a de sua escola tem acompanhado o sua turma?	Não	20.00%
		Sim	80.00%
	Qual a maior dificuldade que você tem em estudar remotamente as outras disciplinas?	Outro	10.00%
		Não sabe lidar com o recurso tecnológico	10.00%
		Dificuldade em ler na tela do computador ou celular	20.00%
	Qual a maior dificuldade que você tem em estudar remotamente a disciplina de Geografia?	Desconcentra fácil	70.00%
		Outro	10.00%
		Não sabe lidar com o recurso tecnológico	10.00%
		Dificuldade em ler na tela do computador ou celular	20.00%
		Desconcentra fácil	70.00%
O(s) dispositivo(s) que você tem acesso é/são utilizado(s) apenas para o seu uso pessoal ou necessita compartilhá-los com outras pessoas?		Necessito compartilhar com mais pessoas	20.00%
		Apenas para meu uso pessoal	80.00%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No Gráfico 3, que representa a segunda parte da pesquisa com os alunos do 8º ano, 80% dos alunos utilizam seus dispositivos de acesso a internet para seu uso

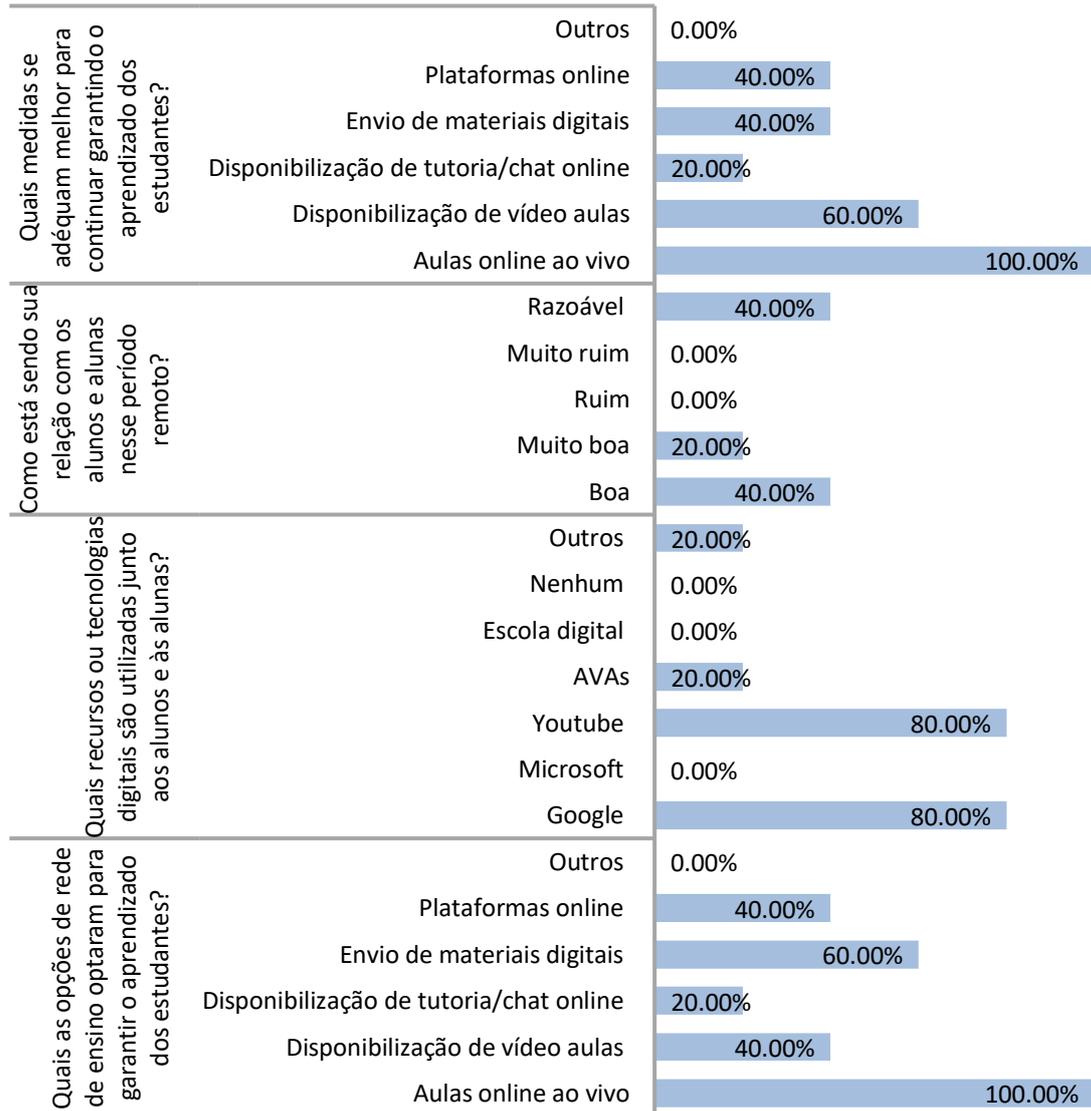
pessoal sem necessidade de compartilhar com outras pessoas, assim facilitando o seu ensino-aprendizagem no que refere a meios de acesso as aulas e atividades online. Quanto à maior dificuldade de estudar remotamente a disciplina de Geografia 70% responderam que se desconcentra fácil e com relação às demais disciplinas 70% também responderam que se desconcentra fácil, podemos associar essa desconcentração para estudar remotamente os inúmeros aplicativos e redes sociais que ambos tem em mãos usando o Smartphone, além de que na grande maioria das vezes nossos alunos e alunas não possuem um ambiente propício de estudos e concentração nas suas residências.

Sobre a direção da escola 80% responderam que a direção tem acompanhado a turma nesse período de ensino remoto. E sobre a relação professor-aluno 55% responderam que sua relação com os professores nesse período remoto está muito boa e 15% está razoável. De acordo com esses dados é nítido que tanto gestores quanto professores/as tiveram que se adaptar auxiliando os alunos e alunas com mais paciência de formas diferentes usando os meios de comunicação disponível, através da pandemia houve um melhoramento da relação professor-aluno para compreender as dificuldades sentidas nesse período.

No que se refere a preferência de ensino, foi inegável a preferência pelo presencial, pois 95% dos alunos responderam que preferem o ensino presencial. Mesmo sabendo da necessidade de se estudar remotamente nesse período crítico de saúde mundial, os alunos e alunas em sua grande maioria necessitam das aulas presenciais tanto pelo fato de acreditarem que o ensino-aprendizagem para os mesmos é mais proveitosas, tanto pelo fato da sua relação com seus colegas e demais membros da escola.

Gráfico 4: Principais dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso

Principais dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso (%)



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No Gráfico 4, mostra os dados da primeira parte da pesquisa feita com os professores do fundamental anos finais e médio. No que se refere às opções que a rede de ensino optou para garantir o aprendizado dos estudantes foram 100% a opção de aulas online ao vivo, 60% de envio de materiais digitais e 40% de plataformas online. Segundo os professores os recursos e tecnologias digitais

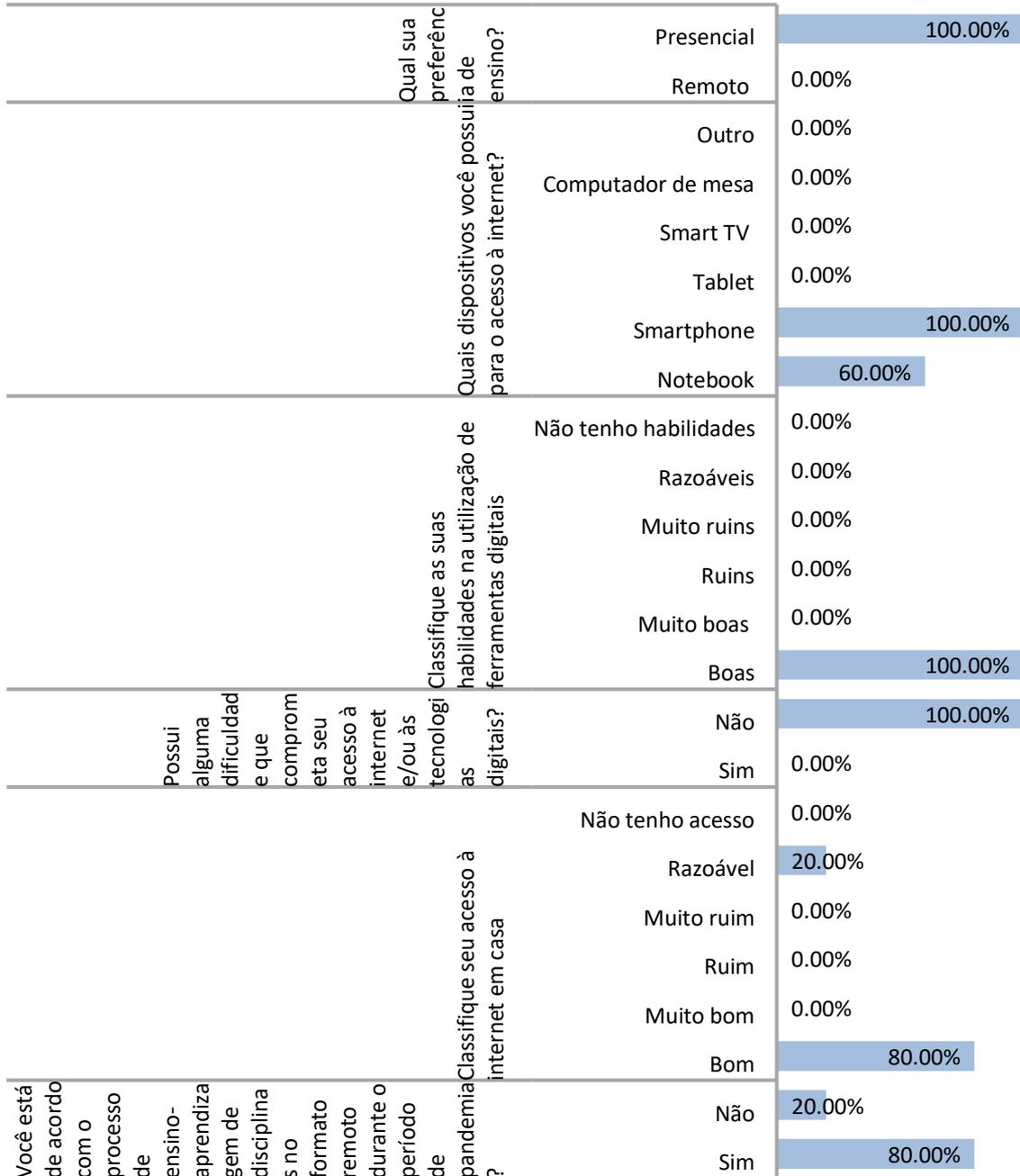
utilizadas junto aos alunos e alunas são Google 80% na maioria das vezes para pesquisas referentes aos conteúdos trabalhados e o Youtube 80% para pesquisas específicas de vídeos explicativos sobre os conteúdos.

Quanto a relação professor-aluno 40% responderam que está sendo boa sua relação com os alunos e alunas nesse período remoto e 20% que a relação é muito boa. Semelhantes ao gráfico 3, professores e alunos nesse período tão difícil da educação compartilharam suas dificuldades e necessidades, abrindo espaço para uma relação onde ambos procuram o melhor para o ensino-aprendizagem e para a vida nesse tempo o qual se depararam com a pandemia e o isolamento social.

Quando foram questionados sobre quais medidas se adequam melhor para continuar garantindo o aprendizado dos estudantes, 100% responderam aulas online e ao vivo e 40% envio de materiais digitais. Isso indica que as aulas ao vivo chega mais próximo das aulas presenciais, sendo um espaço virtual que dispõe de exposição do conteúdo, discussões e tirar as dúvidas dos alunos e alunas.

Gráfico 5: Principais dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso

Principais dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental anos finais e médio do Educandário Pedro Cardoso (%)



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Nesse Gráfico 5, observamos que 80% dos professores responderam que estão de acordo com o processo de ensino-aprendizagem de disciplinas no formato

remoto durante o período de pandemia, mostrando que na escola a maior parte do corpo docente acredita que o ensino remoto é a solução mais eficaz e necessária para que possamos atravessar esse período da educação e saúde mundial.

Sobre o acesso à internet em casa 80% dos professores classificaram como bom e 20% classificaram como razoável, a maior parte do corpo docente possui uma boa rede de internet em suas casas, de forma que ajuda muito nas aulas online, não existindo tanta disparidade na questão de conexão com a internet.

É interessante observar que todos os professores quando questionados sobre possuir alguma dificuldade que comprometa seu acesso à internet ou às tecnologias digitais responderam que não possuem e sobre as habilidades na utilização de ferramentas digitais todos os professores classificaram como sendo boas, nos levando a identificar que foi mais fácil a adaptação desses docentes para com o manejo e desenvolvimento das aulas através dos dispositivos tecnológicos e pelo acesso a internet.

Na parte de dispositivos de acesso à internet ficou claro que os mais utilizados são os Smartphone 100% e 60% Notebook. No que diz respeito à preferência de ensino todos os professores responderam que preferem o ensino presencial.

Observa-se nos gráficos 3 e 5 que ambos alunos e professores preferem as aulas presenciais e que necessitam e acreditam que as aulas virtuais é uma forma de passar pela pandemia sem deixar de viver o ensino-aprendizagem necessário para a vida do alunado. Fica evidente que ambos esperam que a pandemia e o isolamento social tenham fim, para que consigam estudar e lecionar nas salas de aulas presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lecionar não é uma das profissões mais fáceis de exercer e isso nós sabemos, vai desde a nossa formação acadêmica, passeia pela desvalorização da própria profissão pelo poder público chegando ao local de trabalho que é a escola, onde existem alunos dos mais variados tipos, classes e personalidades diferentes, além das famílias e da gestão escolar com cobranças e pedidos dos mais variados para nossa classe docente. No ano de 2020, com a pandemia e o ensino remoto, houve ainda mais acréscimo a todas essas dificuldades listadas: vivemos tempos pouco firmes no processo educacional e o impacto da pandemia desestabilizou ainda mais. A solução foi se apoiar na docência e na sua capacidade de se reinventar e reaprender constantemente na procura de meios para continuar o ensino-aprendizagem até mesmo em um momento crítico de saúde mundial.

No trabalho desenvolvido, conseguimos compreender um pouco do conceito de educação quanto da educação geográfica. Caminhando pelo processo de desenvolvimento da educação geográfica, sua importância para um ensino-aprendizagem significativo e no seu papel de formar cidadãos desenvolvendo nos alunos a criticidade.

Deparamo-nos com as estratégias e meios utilizados para suprir os fechamentos das escolas no Brasil e no mundo, além dos grandes desafios que foram acarretados pela pandemia da COVID-19, as inúmeras inseguranças da população, a necessidade do isolamento e os transtornos advindos do mesmo. O surgimento emergencial do ensino remoto como solução e como algo que surge de forma imediatista que conseqüentemente também vem com uma série de problemas. Podemos entender as diferenças entre esse ensino remoto emergencial e a educação à distância.

Através da experiência durante o período de pandemia e ensino remoto do Educandário Pedro Cardoso, na turma no 8º ano, conseguimos desenvolver atividades e estratégias de ensino que se tornaram significativos não só para o aluno mas, também, para a comunidade através das redes sociais fazendo com que a sala de aula atualmente virtual chegasse ainda mais além e alcançasse pessoas que estão fora do eixo escolar. A pesquisa aplicada aos discentes do 8º ano e dos docentes do fundamental anos finais e ensino médio demonstrou que professores e alunos preferem as aulas presenciais, porém, nesse período, entendem e

concordam com as aulas remotas. Nessa pesquisa, foi observado que os alunos possuem uma dificuldade de concentração tanto durante as aulas de Geografia quanto nas demais disciplinas, os mesmos se sentem capacitados para utilizar as tecnologias digitais e possuem um acesso bom à internet. Os professores estudados ambos possuem uma boa capacidade de utilizar as tecnologias digitais para as aulas remotas e seu acesso à internet também é boa em grande parte.

Finalizamos a pesquisa com abertura para mais questionamentos sobre o impacto da pandemia e as aulas remotas, pois é tudo ainda muito novo, porém, constatamos que com criatividade e meios, é possível desenvolver um ensino-aprendizagem em um período tão crítico na educação e em todos os aspectos sociais desenvolvidos pela pandemia do Covid-19.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de, **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 2008.
- ANTUNES, Celso. **Geografia e didática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORSTEL, Vilson Von; FIORENTIN, Mariane Jungbluth; MAYER, Leandro. Educação em tempos de pandemia: constatações da coordenadoria regional de educação de Itapiranga. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 37-43.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Educação geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, 2017, p. 82-100.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.
- CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 2020 v. 45, n. 4, p. 01-20.
- CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. **Faculdades Idaam**. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- COUTO, Marcos Antônio Campos. Ensinar geografia na escola pública de hoje. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015, p. 109-130.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo... serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos! In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de (Org.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUFPG, 2014, p. 17-49.
- KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2014.
- KIRCHNER, Elenice Ana. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 45-53.
- LAZZARETTI, C. et al. Pandemia de Covid-19 por Sars-cov-2: o que sabemos até agora?. **Perspectiva: Ciência e Saúde**. Osório, 2020, v. 5, p. 01-15.
- MANFIO, Vanessa. O ensino de geografia na pandemia covid-19: uma análise da perspectiva do lugar através de histórias em quadrinhos pelos alunos da escola municipal de ensino fundamental profª. Cândida Zasso de Nova Palma-RS. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, 2020, v. 21, n. 2, p. 133-144.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2010.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; VALDEGIL, Daniel de Assis; SABINO, Raquel do Nascimento. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**. Fortaleza, 2021, v. 3, n. 2, e325271.
- NOGUEIRA, Silva Cristina Gomes; BATISTA, Valter Pedro. A educação superior em tempos de pandemia: EAD ou ensino remoto emergencial. **Anais do CIET: Enped: 2020 – (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020.
- OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 34-49.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19? **Ensino em perspectiva**, Fortaleza, 2021, v. 2, n. 1, p. 01-15.
- PARAÍBA. Decreto n. 40.128 de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Novo Coronavírus), bem como sobre recomendações aos municípios e ao setor privado estadual. Diário Oficial. 2020 mar 19. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-19-03-2020.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- PONTUSCHKA, NídiaNacib; PAGANELLI, Tomokolyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- QUINCAS, André Luiz do Nascimento; LEÃO, Vicente de Paula; LADEIRA, Francisco Fernandes. Construção do raciocínio geográfico: conceitos e práticas na escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. v.8, n.16. jul./dez., 2018, p. 112-129.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998.
- SILVA, Lineu Aparecido Paz e; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. A atividade docente no ensino de geografia: perspectivas e reflexos na educação brasileira. **Geosaberes**. Fortaleza, 2014, v. 5, n. 10, p. 17-35.
- SILVA, Luiz Alessandro da; PETRY, ZAIDA, Jeronimo Rabello; UGGIONI, Natalino. Desafios da educação em tempos de pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do estado Santa Catarina. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 19-36.
- SILVA, Maria José Sousa da; NASCIMENTO, Luciene Fabrizia Alves do; FELIX, Pedro Wallas Soares. Ensino remoto e educação geográfica em tempos de pandemia. **Anais VII CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2020, p. 01-10.
- WANDSCHEER, Kassiê Talita. Ensino Remoto: um caminhar de possibilidades educativas. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 235-246.

APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário do perfil socioeconômico dos alunos do 8º ano

Dados socioeconômicos	Respostas
Idade	<15 () ≥15 ()
Escolaridade	6º ano () 7ºano () 8ºano () 9ºano ()
Com quem convive em sua residência	Mãe () Pai () Irmã (o) () Avó (o) () Tia (o) () Prima(o) () Outro ()
Renda familiar	<salário mínimo () ≥salário mínimo ()

Apêndice 2: Questionário aplicado a turma 8º ano do educandário Pedro Cardoso

Questionamentos	Respostas
Você está de acordo com o ensino e a aprendizagem de disciplinas no formato remoto durante o período de pandemia?	Sim () Não ()
Classifique seu acesso à internet em casa	Bom () Muito bom () Ruim () Muito ruim () Razoável () Não tenho acesso ()
Possui alguma dificuldade que comprometa seu acesso à internet e/ou às tecnologias digitais?	Sim () Não ()
Classifique as suas habilidades na utilização de ferramentas digitais	Boas () Muito boas () Ruins () Muito ruins () Razoáveis () Não tenho habilidades ()
Quais dispositivos você possui para o acesso à internet?	Notebook () Smartphone () Tablet () Smart TV () Computador de mesa () Outro ()
O(s) dispositivo(s) que você tem acesso é/são utilizado(s) apenas para o seu uso pessoal ou necessita compartilhá-los com outras pessoas?	Apenas para meu uso pessoal () Necessito compartilhar com mais pessoas ()
Qual a maior dificuldade que você tem em estudar remotamente a disciplina de Geografia? e as outras disciplinas?	Desconcentra fácil () Dificuldade em ler na tela do computador ou celular () Não sabe lidar com o recurso tecnológico () Outro ()
Qual a maior dificuldade que você tem em estudar remotamente nas outras disciplinas?	Desconcentra fácil () Dificuldade em ler na tela do computador ou celular () Não sabe lidar com o recurso tecnológico () Outro ()
O/A diretor/a de sua escola tem acompanhado sua turma?	Sim () Não ()
Como está sendo sua relação com seus professores e professoras nesse período remoto?	Boa () Muito boa () Ruim () Muito ruim () Razoável ()
Qual sua preferência de ensino?	Remoto () Presencial ()

Apêndice 3: Questionário aplicado aos professores do Educandário Pedro Cardoso

Questionamento	Respostas
Quais as opções de rede de ensino optaram para garantir o aprendizado dos estudantes?	Aulas online ao vivo () Disponibilização de vídeo aulas () Disponibilização de tutoria/chat online () Envio de materiais digitais () Plataformas online () Outros ()
Quais recursos ou tecnologias digitais são utilizadas junto aos alunos e às alunas?	Google () Microsoft () Youtube () AVAs() Escola digital () Nenhum () Outros ()
Como está sendo sua relação com os alunos e alunas nesse período remoto?	Boa () Muito boa () Ruim () Muito ruim () Razoável ()
Quais medidas se adequam melhor para continuar garantindo o aprendizado dos estudantes?	Aulas online ao vivo () Disponibilização de vídeo aulas () Disponibilização de tutoria/chat online () Envio de materiais digitais () Plataformas online () Outros ()
Você está de acordo com o processo de ensino-aprendizagem de disciplinas no formato remoto durante o período de pandemia?	Sim () Não ()
Classifique seu acesso à internet em casa	Bom () Muito bom () Ruim () Muito ruim () Razoável () Não tenho acesso ()
Possui alguma dificuldade que comprometa seu acesso à internet e/ou às tecnologias digitais?	Sim () Não()
Classifique as suas habilidades na utilização de ferramentas digitais	Boas () Muito boas () Ruins () Muito ruins () Razoáveis () Não tenho habilidades()
Quais dispositivos você possui para o acesso à internet?	Notebook () Smartphone () Tablet () Smart TV () Computador de mesa () Outro ()
Qual sua preferência de ensino?	Remoto () Presencial ()